



**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DOS VINHEDOS - CARVI  
CURSO DE BACHARELADO EM COMÉRCIO INTERNACIONAL**

**FERNANDA ELISA DE ROSSI**

**OS PRINCIPAIS PROBLEMAS RELACIONADOS AO COMÉRCIO  
INTERNACIONAL DO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO**

**BENTO GONÇALVES  
2019**



**FERNANDA ELISA DE ROSSI**

**OS PRINCIPAIS PROBLEMAS RELACIONADOS AO COMÉRCIO  
INTERNACIONAL DO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Orientador: Professora Ms. Simone  
Fonseca de Andrade

**BENTO GONÇALVES**

**2019**

**FERNANDA ELISA DE ROSSI**

**OS PRINCIPAIS PROBLEMAS RELACIONADOS AO COMÉRCIO  
INTERNACIONAL DO SETOR TÊXTIL BRASILEIRO**

Trabalho de Conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Comércio Internacional da Universidade de Caxias do Sul, como requisito final para a obtenção do grau de Bacharel em Comércio Internacional.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

**Banca Examinadora:**

---

Professora Ms. Simone Fonseca de Andrade  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Membro da Banca  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

---

Prof. Membro da Banca  
Universidade de Caxias do Sul – UCS

*“Minha crença é firme em uma lei de compensação. As verdadeiras recompensas são sempre proporcionais ao trabalho e sacrifícios feitos.”*

***Nikola Tesla***

## RESUMO

A indústria têxtil brasileira é um elemento relevante dentro da economia nacional. Além de ser uma fonte geradora de emprego e renda para a população, possui um grande potencial produtivo para uma maior participação dentro do cenário internacional deste setor. Porém, grande parte da produção destina-se a abastecer o mercado interno, sendo pouco presente a sua participação no mercado externo. Em consequência desta situação que o setor se encontra, este trabalho procurou identificar os principais problemas relacionados ao comércio internacional do setor têxtil brasileiro, utilizando-se de uma metodologia qualitativa e exploratória e da inserção de um questionário auto administrado para cinco (05) empresas de diferentes segmentos do setor têxtil. Com isso foi possível analisar, comparar e obter informações potencialmente satisfatórias para atender a questão central deste estudo relacionada à participação do setor dentro do comércio internacional. A partir da coleta dos dados, foram mencionados pelas empresas participantes problemas relacionados com a concorrência internacional, principalmente a asiática, questões de preços e de logística, altos impostos e alta carga tributária, pouca valorização do setor perante a economia nacional, questões relacionadas a mão-de-obra e a falta de incentivos e investimentos, principalmente em tecnologia.

**Palavras-chave:** Problemas. Desafios. Comércio internacional. Setor têxtil brasileiro.

## **ABSTRACT**

The Brazilian textile industry it's a relevant element inside the national economy, besides being a source of employment and incomes for the country's population, having a great productive potential for a better participation inside the international scene of this sector. However, a huge amount of the country's production its used for supply the domestic Market. Having a fair participation in the foreign Market. In consequence of this situation, this study looks for identify the main problems related with the international trade of the Brazilian textile sector. Withe the use of a qualitative and explorative methodology of research and with the introduction of self-administered questionnaire to 5 companies of different segments of the textile sector. With this it will be possible to analyses, compare and acquire potentially satisfactory information to answer the main question of this subject related with the presence of the sector inside the World trade of the textiles. Since the data collection, it was mentioned by the participant companies problems related with the international competition, specially from Asia, subject related with prices, logistics, high taxes and high tax burden, lack of incentives and investments, especially in the technology field, the sector's lack of appreciation by the national economy and issues related with the working force in this sector.

**Palavras-chave:** Issues. Challenges. International Trade. Brazilian textile sector.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Distribuição de empresas por porte.....	18
Figura 2 -	Estrutura da cadeia produtiva têxtil e de confecção.....	20
Figura 3 -	<i>Brownfield</i> têxtil localizado no bairro Carioba em Americana/SP.....	23
Figura 4 -	Estrutura produtiva do polo têxtil do Vale do Itajaí.....	25
Figura 5 -	Produção de têxteis (em toneladas e R\$) .....	26
Figura 6 -	Produção de confeccionados (em peças e R\$) .....	26
Figura 7 -	Representando o futuro local de funcionamento da Têxtil União no Ceará.....	28
Figura 8 -	Mostra um dos primeiros projetos incentivados pela SUDENE em meados da década de 60 .....	28
Figura 9 -	Balança Comercial Têxtil .....	34
Figura 10 -	Principais estados exportadores dentro do setor têxtil brasileiro.....	41
Figura 11 -	Destino das exportações brasileiras de produtos têxteis em 2015...	42
Figura 12 -	Principais países exportadores de têxteis para o Brasil em 2015.....	43
Figura 13 -	Origem das confecções importadas pelo Brasil em 2015.....	44
Figura 14 -	Água poluída por pigmentos da indústria têxtil no Egito.....	47
Figura 15 -	Rana Plaza antes e depois (2008-2013) .....	54

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Delineamento de estudo.....	58
Quadro 2 -	Relação dos participantes da pesquisa.....	58
Quadro 3 -	Desafios que o setor têxtil brasileiro enfrenta atualmente.....	63
Quadro 4 -	Dificuldades e barreiras na exportação.....	65
Quadro 5 -	Dificuldades e barreiras na importação.....	65
Quadro 6 -	Competição e concorrência no setor.....	66
Quadro 7 -	Problemas específicos do setor no Brasil.....	67
Quadro 8 -	Aumento da participação do Brasil no comércio internacional.....	68
Quadro 9 -	Atuação no comércio internacional/ desafios e oportunidades.....	70
Quadro 10 -	Prejuízos causados com as importações.....	71



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Mesorregiões de localização dos principais aglomerados da indústria têxtil no Brasil (2012) .....	21
Tabela 2 – Relação entre o número de empresas e de operários do setor têxtil por período (em unidades) no Polo de Americana.....	24
Tabela 3 – Principais exportadores mundiais de têxteis em 2016.....	39
Tabela 4 – Principais produtos exportados.....	40

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	12
1.2 OBJETIVO GERAL.....	13
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
1.4 JUTIFICATIVA.....	14
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	16
2.1 HISTÓRICO DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA .....	16
2.2 INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL: CONTEXTO ATUAL .....	18
<b>2.2.1 Cadeia Produtiva Têxtil</b> .....	19
<b>2.2.2 Polos têxteis do país: distribuição regional</b> .....	21
2.2.2.1 O Polo Têxtil de Americana .....	23
2.2.2.2 O Polo Têxtil do Vale do Itajaí .....	25
2.2.2.3 O Polo Têxtil do Ceará .....	29
2.2.2.4 O Polo Têxtil do Rio Grande do Sul.....	31
2.3 A GLOBALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE VESTUÁRIO .....	32
<b>2.3.1 A indústria têxtil brasileira no comércio internacional</b> .....	34
2.4 CONCEITO DE LOGÍSTICA .....	37
<b>2.4.1 Conceito de Cadeia de Suprimentos</b> .....	38
<b>2.4.2 Cadeia de Suprimentos dentro do setor têxtil</b> .....	38
<b>2.4.3 Exportação</b> .....	40
<b>2.4.4 Importação</b> .....	44
2.5 PROBLEMÁTICAS DO SETOR TÊXTIL .....	46
<b>2.5.1 Meio Ambiente</b> .....	47
<b>2.5.2 Super produção</b> .....	50
<b>2.5.3 Condições de trabalho</b> .....	51
2.6 IMIGRANTES BOLIVIANOS EM SÃO PAULO .....	52
2.7 O DESASTRE DE RANA PLAZA .....	54
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	57
3.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA.....	58
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	61

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS .....	63
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS .....	64
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>65</b>
4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	75
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA .....</b>	<b>85</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O setor têxtil é um elemento relevante para a economia brasileira, além de ser uma fonte de emprego e renda para muitas famílias pelo país. Fato que pode ser observado, tanto no Brasil como em muitos outros países, e que vem crescendo economicamente nos últimos anos. Mas apesar do potencial produtivo e por ser um setor tradicional dentro da economia interna, é importante procurar compreender porque a maior parte da produção vai para o mercado interno ao invés de ir para a exportação e quais as causas e consequências disso e a possível solução (ABIT, 2015).

O tema central desta pesquisa diz respeito à indústria têxtil nacional ao longo dos anos e sua relação com o mercado externo em meio às oscilações econômicas e ao movimento da globalização, bem como a sua regionalização, cada polo têxtil com suas diferentes especialidades de produção e de participação na economia interna.

Também há uma breve síntese a respeito dos problemas causados pela indústria têxtil de maneira geral, como seus impactos ambientais, principalmente na água e no ar, e os impactos da superprodução que gera os resíduos têxteis, além de problemas envolvendo a mão-de-obra.

A pesquisa também procura verificar e compreender o por que a indústria têxtil brasileira prefere direcionar sua produção para o mercado interno e quais as principais dificuldades para se conseguir exportar, até mesmo para países próximos, como os do MERCOSUL, apesar do fato de a produção têxtil nacional possuir um potencial favorável para exportação, e também entender e analisar a respeito crescimento das importações na área têxtil em determinados segmentos do setor, e por que isso vem ocorrendo com cada vez mais frequência após a implementação do Plano Real.

Apesar da indústria têxtil estar presente no mundo inteiro, com relevância em menor ou maior escala e por ser uma das atividades manufatureiras mais tradicionais, excluindo-se quem trabalha e/ou está envolvido de alguma forma com este setor, pouco se sabe e pouco é divulgado a respeito de sua situação, objetivos, desafios e de suas condições. Mesmo no Brasil, onde a indústria têxtil possui um papel de certa relevância para a economia nacional, boa parte da população, em geral, acaba por não conhecer e não se interessar pela indústria têxtil e por sua importância

para a economia, tendo como consequência pouca preocupação em aperfeiçoar e tornar este setor mais competitivo para os padrões atuais (KON; COAN, 2009).

O objetivo geral consiste em Identificar os principais problemas relacionados ao comércio internacional do setor têxtil brasileiro e os principais entraves que prejudicam o setor de lidar com a competitividade e a concorrência através de um conhecimento mais detalhado das características deste setor e, como isto, pode prejudicar o têxtil nacional e sua participação no mercado nacional e externo.

Para tanto, este trabalho é estruturado de forma que no capítulo primeiro seja exposta a presente introdução, no segundo o referencial teórico que abrange histórico, contexto atual, cadeia produtiva, distribuição regional, globalização do setor, comércio internacional do setor e principais problemas e, por fim, no terceiro a metodologia e os meios utilizados para a realização desta pesquisa.

### 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA E DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

O setor têxtil brasileiro foi e continua sendo um elemento importante para a economia brasileira, gerando empregos e renda para muitas famílias que, graças a esse setor, conseguiram ter a oportunidade de melhorarem suas condições de vida. Sendo uma indústria que, não somente no Brasil, mas também em outros países ao redor do mundo, proporcionou desenvolvimento e mais oportunidades para a sua população em variados contextos. Porém, muito ainda precisa ser feito para que este setor em âmbito nacional consiga aproveitar o potencial que possui dentro e fora de seu território (ABIT, 2015).

É relevante haver o entendimento a respeito do que levou este setor a perder participação no mercado ao longo dos anos, bem como as medidas tomadas por parte das empresas e demais envolvidos nesta indústria para resolver e superar estes problemas na atualidade para assim continuar prosperando. Mesmo perante a uma gama de obstáculos e problemas que, algumas ou talvez muitas vezes, possam estar além de sua área de alcance, além disso, é importante saber como é a relação como seus concorrentes dentro do setor.

A partir da análise do objeto de pesquisa, constroem-se os seguintes questionamentos: O que pode ser mudado no setor nacional para proporcionar uma

maior abertura no mercado externo? A necessidade de uma nova reestruturação deste setor, como a ocorrida na década de 90, é possível futuramente? Apesar do potencial produtivo do Brasil, porque as importações de têxteis estão crescendo cada vez mais a cada ano? É melhor importar ou exportar um produto têxtil no ponto de vista brasileiro?

A partir de uma perspectiva voltada para o cenário nacional desta indústria, a finalidade deste estudo é compreender a dinâmica da indústria têxtil brasileira internamente e sua relação com o mercado externo, também serão abordados os problemas que impedem este setor de desempenhar seu potencial de forma favorável além de suas fronteiras.

Não só lidando com países próximos da América Latina e MERCOSUL, mas para, além disso, em outros continentes também. Com isso é importante saber qual a imagem da indústria têxtil brasileira no exterior, quais são seus pontos fortes e seus pontos fracos perante os consumidores estrangeiros e mercados concorrentes.

Sendo assim, o foco principal deste estudo é compreender o processo de internacionalização da indústria têxtil brasileira e sua problemática, buscando solucionar a questão central deste estudo: Quais são e como se apresentam os principais problemas relacionados ao comércio internacional do setor têxtil brasileiro?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar os principais problemas relacionados ao comércio internacional do setor têxtil brasileiro

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Apresentar os principais problemas quanto à exportação, relacionados ao setor têxtil;
- b) Levantar os principais problemas quanto à importação no setor têxtil;
- c) Apresentar os entraves que afetam o comércio internacional do setor têxtil de maneira geral, considerando elementos do mercado interno e externo;

## 1.4 JUTIFICATIVA

O processo de globalização do setor têxtil nacional iniciou-se principalmente a partir da década de 90, com a abertura comercial da economia brasileira e a implantação do Plano Real e teve, inicialmente, impactos negativos para o setor, que passou a ser bombardeado pelos produtos importados, que chegavam ao país em grandes quantidades, principalmente da Ásia (KON; COAN, 2009).

Atualmente, grande parte da produção nacional é voltada para o mercado interno. O Brasil figura entre os cinco principais produtores mundiais de têxteis, existindo o potencial de uma melhor e maior dinâmica nas exportações, porém, nos últimos anos, tem-se observado uma redução da produção e aumento das importações (ABIT, 2015). Segundo dados da FIBRATEX, o setor têxtil representa 16,70% dos empregos no país.

Conforme os dados da ABIT, entre os principais problemas enfrentados no âmbito nacional estão os problemas econômicos e burocráticos, a alta carga tributária, principalmente para o ramo de vestuário e a precariedade dos portos e rodovias pelo país. Mas nem sempre existem problemas provenientes da parte brasileira, e sim, por parte de outros países ou por terem uma dinâmica agressivamente competitiva como, por exemplo, a China, ou por aplicarem medidas protecionistas aos produtos nacionais (ABIT, 2015). Nos últimos anos, o setor têxtil brasileiro tem apresentado uma balança comercial deficitária com as importações em crescimento e declínio nas exportações (BEZERRA, 2014).

A indústria têxtil está presente no mundo inteiro de alguma forma, possuindo um grau de importância variável dependendo do país ou região. Embora existam problemas relacionados com essa indústria, como a questão ambiental, precisa-se de roupas, toalhas e outros tipos de tecidos presentes no dia a dia de todos. Convive-se diariamente com o têxtil, seja ele nacional ou importado, mas excluindo quem trabalha ou está envolvido com esse ramo diretamente, pouco se fala nesse setor e na sua situação; há pouca preocupação por parte da população geral em querer entender como essa indústria funciona e pouca é a preocupação em se efetuar melhorias que favoreçam esse setor.

Assim, o atual trabalho desenvolvido tem como objetivo compreender a situação da indústria têxtil nacional, principalmente, perante o mercado externo

analisando-se também sua história, características e particularidades. Assim, deste modo, o público atraído, possa ter uma maior compreensão de sua dinâmica e também dos empecilhos que afetam seu potencial no mercado em geral, facilitando e proporcionando uma maneira diferenciada de enxergar o atual setor têxtil a partir de conhecimentos obtidos através de estudos bibliográficos e de contato com empresas do setor que já trabalham com o mercado externo.



## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Será apresentada, neste capítulo, a base teórica deste estudo a respeito da indústria têxtil brasileira com ênfase na sua participação no comércio internacional e os problemas enfrentados por este setor perante a globalização e o mercado externo. Também serão abordados os tópicos a respeito de sua história e cenário atual, distribuição regional e principais polos, cadeia produtiva têxtil, questão logística e cadeia de suprimentos, bem como, os problemas causados por esta indústria no meio ambiente, a superprodução e os problemas envolvendo a mão de obra.

### 2.1 HISTÓRICO DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

É apresentado, nesta seção do trabalho, um histórico breve que se refere à indústria têxtil nacional e sua relação com fatores externos que, ao longo de seus mais de 200 anos de história, passou por momentos de crescimento, ganhos, perdas e quedas. Mesmo atualmente, a indústria têxtil nacional continua enfrentando novos obstáculos e desafios, assim como, novas metas a serem alcançadas, para poder concorrer em um mercado cada vez mais competitivo, tecnológico e globalizado.

Conforme (FUJITA; JORENTE, 2015) antes mesmo da chegada dos colonizadores europeus no Brasil, os indígenas já conheciam formas de se tecer a palha e o algodão. Na carta de Pero Vaz de Caminha há uma passagem que relata: “Uma mulher moça com um menino ou menina no colo atado com um pano não sei de que aos peitos” (FUJITA; JORENTE, 2015). Durante o período colonial já havia manufaturas têxteis começando o seu processo de industrialização, apesar da industrialização não ser uma atividade de interesse para os portugueses, não havendo incentivo para qualquer atividade que não fosse de agricultura ou extrativismo. Por consequência, houve um grande enfraquecimento não só na área têxtil, mas em qualquer atividade que proporcionasse a industrialização do país. (MEHLER, 2013).

A Bahia foi o primeiro e principal polo têxtil do Brasil até 1860 e, foi também no Nordeste, que se iniciou a expansão da manufatura têxtil no país. A partir de 1866

as fábricas passaram a se aglomerar na região centro-sul, tendo em destaque São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais (FUJITA; JORENTE, 2015).

A Primeira Guerra Mundial, A Grande Depressão e a Segunda Guerra Mundial prejudicaram as importações, por conta disso, houve estímulos e demanda para produzir e vender dentro do mercado interno durante esses períodos (MEHLER, 2013).

No final da década de 50 e início da década de 60 o setor têxtil nacional entra em recessão por diversos problemas como falta de investimentos, problemas operacionais e obsolescência técnica (FUJITA; JORENTE, 2015).

Entre 1974 e 1989 a política protecionista alfandegária favoreceu o setor têxtil brasileiro, mas por estar fragilizado tecnologicamente em sua estrutura, perdeu competitividade para os concorrentes do mercado externo (MEHLER, 2013).

Com grande parte de suas atividades internalizadas, somado com a carência de investimentos nos anos 80 e o gap tecnológico, o setor têxtil foi um dos mais prejudicados com a estagnação econômica da década de 80. (KON; COAN, 2009)

A partir dos anos 90, época na qual o Brasil passou por uma abertura comercial geral da economia, em 1994 ocorreu a implementação do Plano Real que visava medidas como facilitar as importações e estabilizar a inflação (KON; COAN, 2009).

Houve um impacto negativo para a indústria têxtil já que esta se encontrava fragilizada, tecnologicamente atrasada em função do protecionismo alfandegário e sofrendo com a concorrência asiática, o que culminou com inúmeros prejuízos e agravamento do desemprego, por isso foi necessário um processo geral de reestruturação deste setor. Mesmo perante inúmeras dificuldades e graças à cultura algodoeira forte no país, o setor têxtil brasileiro ocupa uma posição favorável dentro do cenário global, ocupando o quarto lugar na produção de artigos de vestuário e quinto lugar na produção mundial de manufaturas têxteis no ano de 2010 (KON; COAN, 2009).

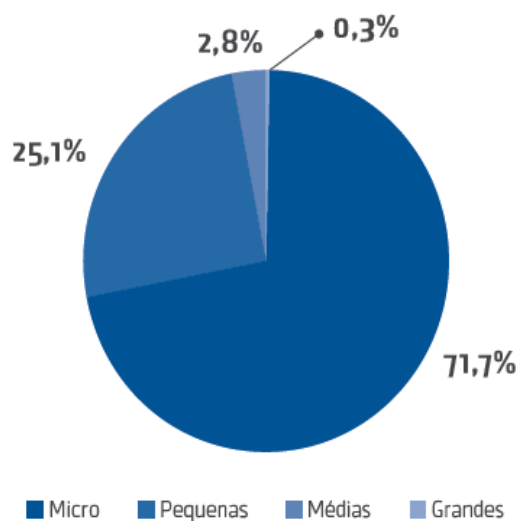
## 2.2 INDÚSTRIA TÊXTIL NACIONAL: CONTEXTO ATUAL

Conforme o informado pela cartilha da ABIT, o Brasil produz desde fibras até confecções, reunindo mais de 32 mil empresas dos mais diversos portes espalhadas por todo Brasil e, empregando aproximadamente 1,7 milhões de brasileiros, de distintas áreas, entre costureiros, supervisores, especialistas em passar e em acabamento, operadores de *computer aid design*, especialistas em corte e modelagem, engenheiros de produção, estilistas, designers, entre outros. Sendo que mais de 70% dos trabalhadores são mulheres, muitas são chefes da família. (ABIT, 2015).

Segundo pesquisas realizadas pela ABIT, o setor destina 97,5% da produção para o mercado interno, enquanto somente 2,5% vão para a exportação. Por serem em sua maioria empresas de capital 100% nacional, grande parte dos lucros é reinvestida no país. A perda de *Market Share*, a queda na produção, a alta carga tributária, entre outros problemas estruturais e conjunturais, ocasionou um aumento das importações principalmente de países asiáticos. Entre 2003 a 2012 as importações que eram de 1,26% foram para 9% dentro de período de nove anos (ABIT, 2015).

A Figura 1 representa a distribuição das empresas têxteis brasileiras por porte, dados de 2016:

**Figura 1 - Distribuição de empresas por porte**



Fonte: IEMI 2016

Mais da metade das empresas do setor têxtil no Brasil são de micro e pequeno porte. Desta forma, desde o início de seu desenvolvimento como indústria, mesmo nos principais polos do setor no país e em outras regiões, as empresas de grande porte sempre estiveram presentes em um menor número.

### **2.2.1 Cadeia Produtiva Têxtil**

Sendo composta por três etapas interligadas, na cadeia produção têxtil o produto final de uma etapa se torna matéria prima para a próxima, seguindo um ciclo de trabalho linear. Inicia-se com o processamento da matéria-prima bruta em fios, denominado fiação, esta matéria prima pode ser dividida em três grupos: fibras naturais, artificiais ou as sintéticas. Há diferentes processos de fiação, se for fibra natural usa-se um processo chamado paralelização ou para fibras químicas (sintética ou artificial) usa se a extrusão. Enquanto na paralelização as fibras são torcidas e presas umas às outras através da fricção dos fios, na extrusão se utiliza a fieira, um equipamento que processa uma substância química através da pressão produzindo-se filamentos, dando origem aos fios de fibras sintéticas (EMERY, 2007).

Enquanto na paralelização as fibras são torcidas e presas umas às outras através da fricção dos fios, na extrusão se utiliza a fieira, um equipamento que processa uma substância química através da pressão produzindo-se filamentos dando origem aos fios de fibras sintéticas (EMERY, 2007).

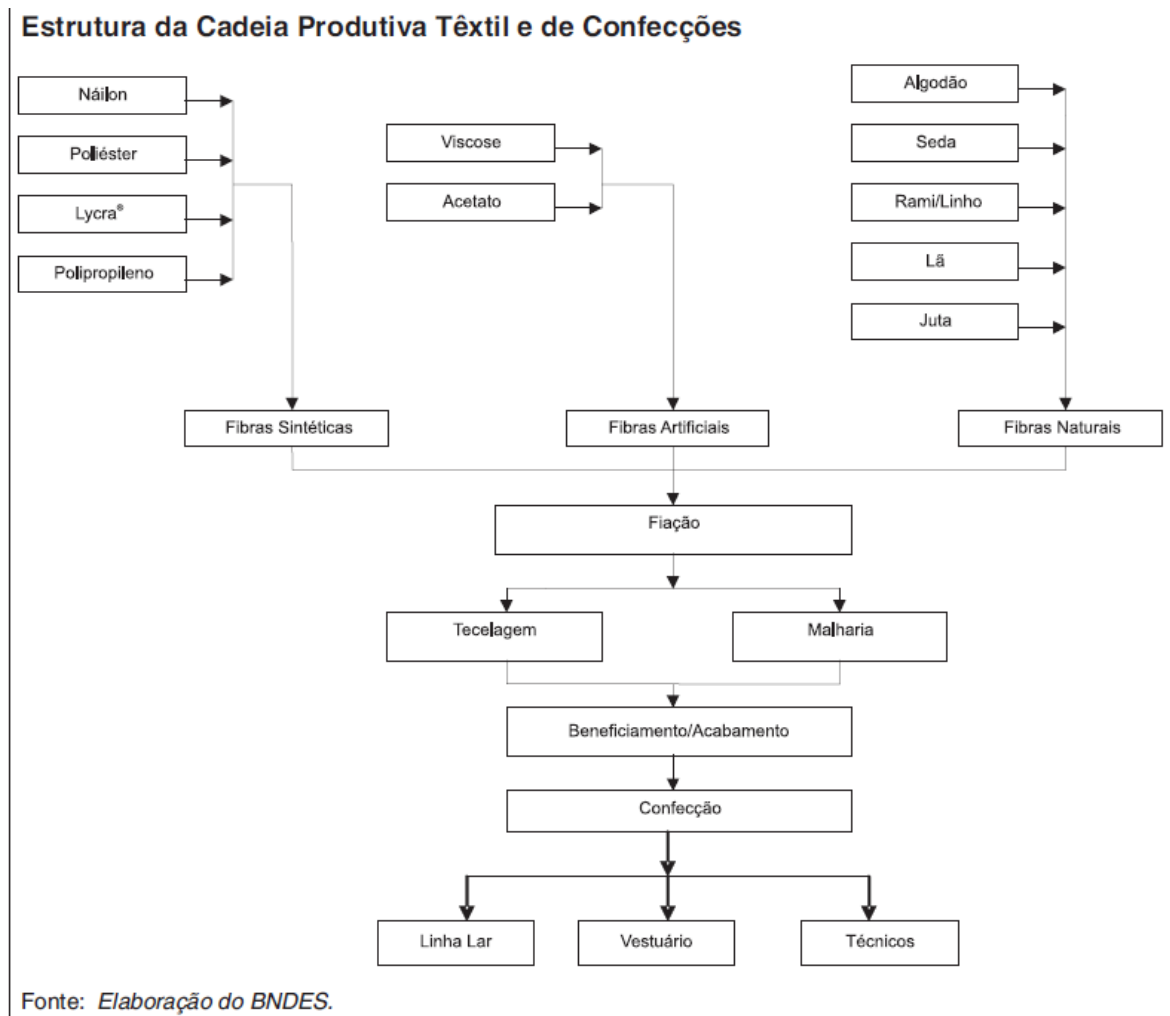
A próxima etapa é a produção do tecido por meio da tecelagem ou malharia; na tecelagem ocorre o entrelaçamento dos fios por um tear, geralmente utilizado para tecidos mais grossos e pesados, e que passam por um tratamento químico antes de serem tecidos; na malharia ocorre uma sequência de laçadas, uma através de outra, obtendo-se tecidos mais leves e flexíveis. Após esta etapa o tecido passa para a fase de beneficiamento, onde vão ocorrer os processos de lavagem, tingimento, estamparia entre outros (EMERY, 2007).

A última etapa é a de confecção, onde a costura é a principal atividade desta etapa e há maior ênfase na qualidade e na caracterização do produto, assim como maior diversidade de produtos e empresas, abrangendo uma extensa variedade de mercados e consumidores para as mais diversas utilidades, como vestuário, cama,

mesa e banho, higiene e limpeza, etc. Após todo esse processo, o produto chegará ao consumidor final através do comércio varejista ou atacadista (BEZERRA, 2014).

A Figura 2, a seguir, representa através de um esquema detalhado, a estrutura da cadeia produtiva da indústria têxtil e de confecções e suas etapas, desde as variadas matérias primas até a confecção, envolvendo pessoas e processos durante seu circuito produtivo. São três etapas interligadas, da fibra ao tecido até o produto final.

**Figura 2 - Estrutura da cadeia produtiva têxtil e de confecções**



Fonte: BNDES

Conforme (EMERY, 2007), as indústrias têxteis costumam se aglomerar em polos, que geralmente se destacam na produção de algum tipo de produto, como fibras químicas ou tecelagem de algodão, como é o caso dos três principais polos têxtil do país: Americana, Vale do Itajaí e Ceará.

### 2.2.2 Polos têxteis do país: distribuição regional

As regiões Sudeste e Sul concentram cerca de 52% e 28,5% respectivamente, das atividades têxteis do Brasil, onde podem se destacar como principais produtores, os estados de São Paulo e Santa Catarina (BEZERRA, 2014).

Podem ser observados na Tabela 3, os principais polos têxteis do país e seus respectivos estados onde estão localizados, junto com o número de estabelecimentos e empregos destes no ano de 2012.

**Tabela 1 - Mesorregiões de localização dos principais aglomerados da Indústria Têxtil do Brasil- 2012**

Estabelecimentos de Médio e Grande Portes					Estabelecimentos de Micro e Pequeno Portes				
Pos.	Mesorregião	UF	Estabelecimentos	Empregos	Pos.	Mesorregião	UF	Estabelecimentos	Empregos
1	Metropolitana de São Paulo	SP	255	31.156	1	Metropolitana de São Paulo	SP	983	7.669
2	Vale do Itajaí	SC	197	30.335	2	Vale do Itajaí	SC	965	6.613
3	Campinas	SP	187	27.446	3	Campinas	SP	588	5.201
4	Metropolitana de Fortaleza	CE	34	14.554	4	Araraquara	SP	478	3.324
5	Norte Catarinense	SC	48	12.735	5	Sul/Sudoeste de Minas	MG	315	1.732
6	Macro Metropolitana Paulista	SP	74	11.738	6	Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	201	1.477
7	Metropolitana de Belo Horizonte	MG	39	7.869	7	Metropolitana de Fortaleza	CE	197	1.468
8	Araraquara	SP	69	6.829	8	Metropolitana de Porto Alegre	RS	253	1.459
9	Mata Parabana	PB	17	5.487	9	Centro Goiano	GO	264	1.424
10	Leste Potiguar	RN	13	4.908	10	Norte Catarinense	SC	170	1.411
11	Metropolitana de Porto Alegre	RS	45	4.731	11	Norte Central Paranaense	PR	219	1.342
12	Sul/Sudoeste de Minas	MG	45	4.676	12	Metropolitana de Belo Horizonte	MG	212	1.266
13	Norte de Minas	MG	6	4.538	13	Noroeste Paranaense	PR	146	1.197
14	Metropolitana de Curitiba	PR	21	4.172	14	Zona da Mata	MG	166	1.123
15	Norte Central Paranaense	PR	32	3.703	15	Agreste Pernambucano	PE	178	1.065
16	Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	39	3.595	16	Macro Metropolitana Paulista	SP	112	1.037
17	Piracicaba	SP	23	3.568	17	Sul Catarinense	SC	142	846
18	Metropolitana de Salvador	BA	23	3.326	18	Oeste de Minas	MG	108	840
19	Oeste de Minas	MG	9	3.287	19	Piracicaba	SP	97	778
20	Itapetininga	SP	17	3.230	20	Central Potiguar	RN	79	636

Fonte: MTE/RAIS (2012)

A distribuição regional da indústria têxtil é heterogênea, havendo polos de importância tanto nacional, como o polo de Americana localizado na Região Metropolitana de Campinas como mostra a tabela, quanto regional, como é o caso do polo têxtil do Ceará para a região nordeste, e de muitos outros pelo Brasil nas regiões em que foram introduzidos.

### 2.2.2.1 O Polo Têxtil de Americana

O Polo Têxtil de Americana abrange os municípios de Americana, Nova Odessa, Santa Barbara do Oeste e Sumaré no estado de São Paulo, correspondendo a aproximadamente 85% da produção nacional de têxteis sintéticos e artificiais. O cultivo de algodão exercido por imigrantes estadunidenses no século XIX favoreceu a criação de indústrias voltadas para a área têxtil na região, pela proximidade com a matéria prima e com o mercado consumidor aos arredores da região, a linha férrea também foi outro elemento que facilitou a expansão têxtil e também de outros ramos da indústria local (EMERY, 2007).

A Fábrica de tecidos Carioba foi a primeira do ramo na região de Americana na segunda metade do século XIX. Durante as décadas de 20 e 30 era comum que os operários das fábricas instalassem em suas próprias casas teares como uma extensão do trabalho nas horas livres, a partir disso ocorre o surgimento de pequenos produtores conhecidos como fezonistas, trabalhando normalmente por meio da subcontratação ou de forma independente (EMERY, 2007).

Com o desenvolvimento de fibras químicas, a região passou a ser destaque na utilização de fibras sintéticas e artificiais, destacando-se não só nacionalmente, mas também dentro do mercado latino-americano. Na década de 70, a indústria têxtil era o principal e mais importante elemento da economia do município e, também, regionalmente e é nesta época que ocorre a instalação de grandes empresas nacionais e algumas estrangeiras na localidade (EMERY, 2007).

Foi o polo têxtil que mais sofreu impactos negativos com a abertura econômica na década de 90, em função da concorrência estrangeira, pois estava perdendo competitividade dentro do mercado, dos produtos importados com preços extremamente baratos e atraentes e da defasagem tecnológica de seu parque industrial, o que ocasionou o fechamento de diversas fábricas e um elevado número de desempregados durante este período (EMERY, 2007).

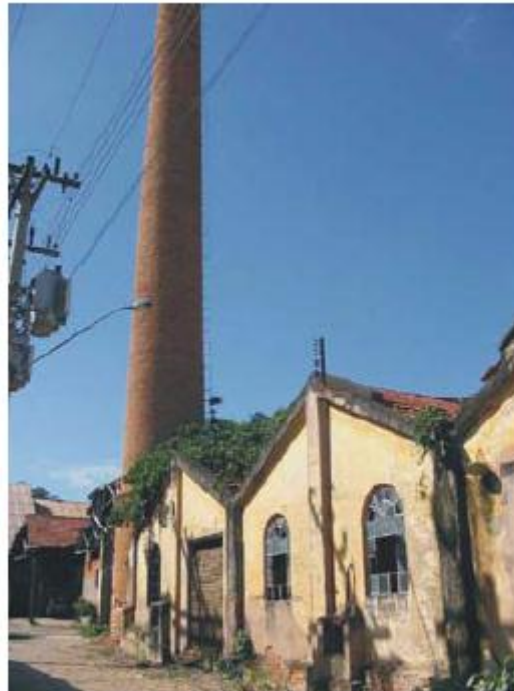
Em 1995 houve um protesto na cidade de Americana criticando a excessiva importação de tecidos e as más condições nas quais muitas fábricas se encontravam, exigindo-se que fossem adotadas medidas protecionistas. Em 1998 a situação econômica e de produção passam a se amenizar (KELLER, 2004).



Enquanto algumas empresas do setor começaram a se beneficiar com investimentos tecnológicos e medidas protecionistas à importação desenfreada, outras não tiveram opção senão encerrar suas atividades, originando os chamados *Brownfields*, espaços abandonados e obsoletos aonde exercia-se alguma atividade econômica, havendo a possibilidade de serem reutilizados (PANCHER; DE FREITAS 2005).

Como sugere a Figura 3, a crise da década de 90 causou inúmeros prejuízos para os municípios deste polo têxtil e também para as pessoas envolvidas nesta indústria.

**Figura 3 - *Brownfield* têxtil localizado no Bairro Carioba em Americana, São Paulo.**



**Fonte:** PANCHER; DE FREITAS 2005

Após o período de abertura comercial, houve uma maior preocupação em construir e manter uma maior união de todos os componentes da cadeia produtiva para assim possibilitar um maior progresso na indústria local e na região (KELLER, 2004). Segundo (DIAS, 2018), entre os anos de 2000 e 2010, em função do aumento de renda e consumo da população, a situação se ameniza já que a produção e os empregos nas fábricas são retomados.

No ano de 2014 o setor têxtil já representava 15,6% dos empregos formais da região contando com 1779 empresas do setor, mantendo-se como uma atividade industrial de importância para a economia local e estadual, sendo ainda, o setor da indústria que mais emprega nos municípios que compõem o polo têxtil de Americana (DIAS, 2018).

A Tabela 2 apresenta uma comparação da situação deste setor entre o início e final da década de 90 com o ano de 2014 em relação ao número de empresas e operários.

**Tabela 2 - relação entre o número de empresas e operários do setor têxtil por período (em unidades) no Polo de Americana:**

Período	Empresas	Operários
Início da década de 90	1480	31.000
Final da década de 90	620	13.400
Em 2014	1779	31.100

**Fonte:** Adaptado de (DIAS, 2018).

Após atingir seu ápice entre 1995 e 1996, a crise dos importados que afetou profundamente o polo de Americana se ameniza no final da década de 90, mas com prejuízos, das 1480 empresas que existiam no início dos anos 90, no final da década restaram apenas 620, sendo uma redução de 41,89% no número de empresas e dos 31.000 restaram apenas 13.400 (DIAS, 2018).

Em 2014, apesar do número de empresas ter crescido para 1779 estabelecimentos devido a uma reestruturação e revitalização do setor, o número de operários (31.100), manteve-se similar ao número que havia no início da década de 90, devido à modernização tecnológica destas fábricas, que substituiu alguns trabalhos manuais por máquinas (DIAS, 2018).

#### 2.2.2.2 O Polo Têxtil do Vale do Itajaí

Localizado no estado de Santa Catarina, o Vale do Itajaí engloba os municípios de Blumenau, Brusque, Gaspar, Indaial, Pomerode e Timbó; é uma região

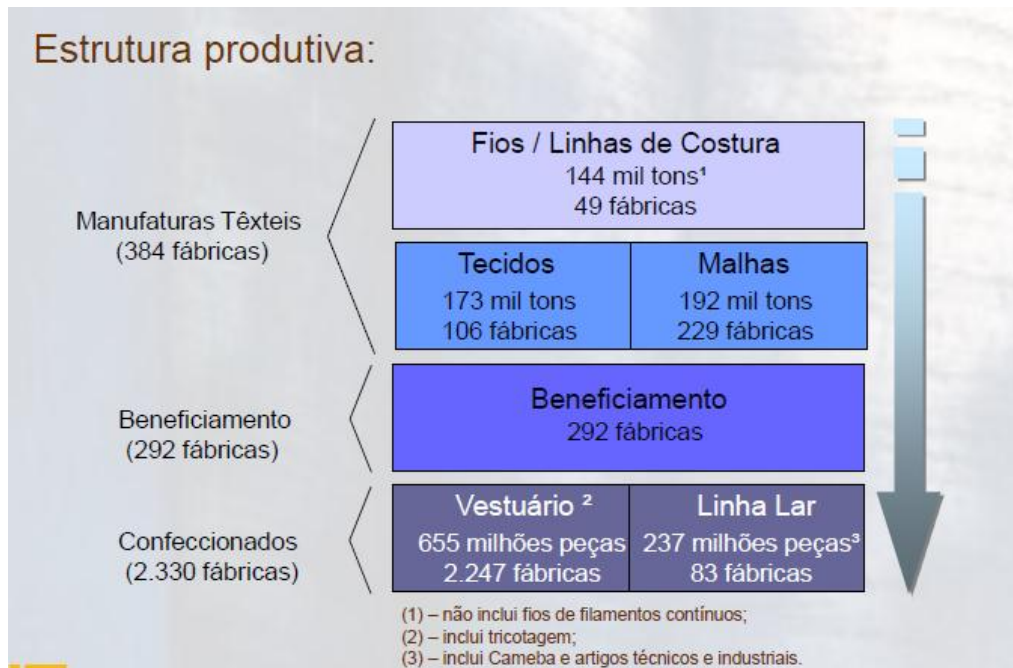
de colonização típica alemã e tradicionalmente agrícola. A partir do ano de 1850 iniciou-se o desenvolvimento da indústria têxtil nesta região, exercida por imigrantes oriundos principalmente da Alemanha, que muitas vezes tinham que importar maquinário e matérias primas através de parentes que permaneceram na Europa para suprirem suas fábricas no Brasil (EMERY, 2007).

À indústria têxtil catarinense passa a integrar-se ao mercado nacional no início do século XX, entre 1910 e 1914, não havendo prejuízos durante a Crise de 1929 para a economia catarinense; entre a 1ª e 2ª Guerras Mundiais o polo têxtil do Itajaí passou a abastecer grandes mercados como São Paulo e Rio de Janeiro e também a participar do mercado internacional (LUCKLTENBERG, 2004).

Diferentemente do polo de Americana, o vale do Itajaí destaca-se na confecção em malhas de algodão e linha lar, tendo iniciado na década de 80 suas atividades exportadoras em maiores proporções, não havendo muitos obstáculos para uma abertura comercial e nem uma defasagem tecnológica, sendo um dos polos têxteis mais tecnológicos da América Latina, produzindo produtos com qualidade de forma eficiente e competitiva (EMERY, 2007).

Segundo (LUCKLTENBERG, 2004), o polo têxtil de Itajaí possui em média 5.482 empresas, empregando cerca de 107 mil funcionários, sendo o setor industrial que mais emprega no estado. É sede de empresas reconhecidas nacionalmente e no exterior, como Hering, Karsten, Cremer, Buddenmeyer, Buettner, Altenburg, Schlösser, a antiga Renaux dentre outras. Conforme a Figura 4, a estrutura produtiva do polo da região do vale do Itajaí destaca-se principalmente na produção de malhas, vestuário e linha lar (SINTEX, 2015).

**Figura 4 - Estrutura produtiva do polo têxtil do Vale do Itajaí**

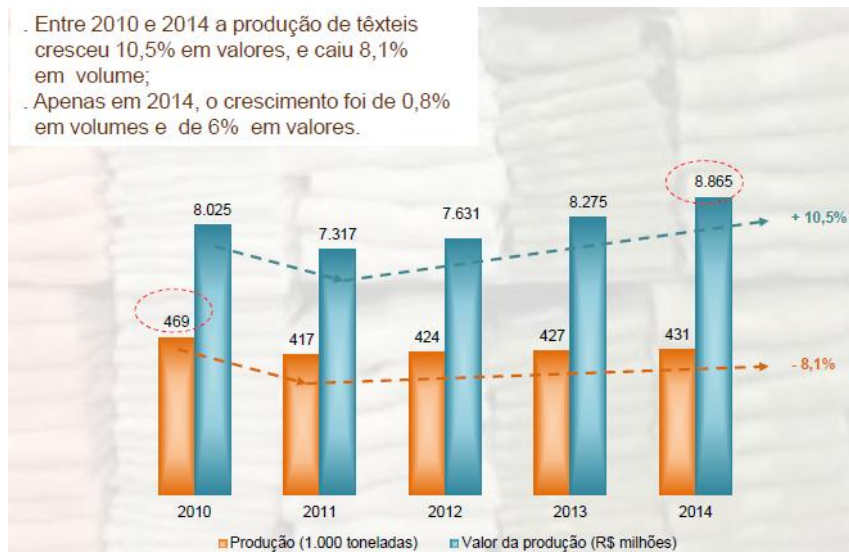


Fonte: IEMI

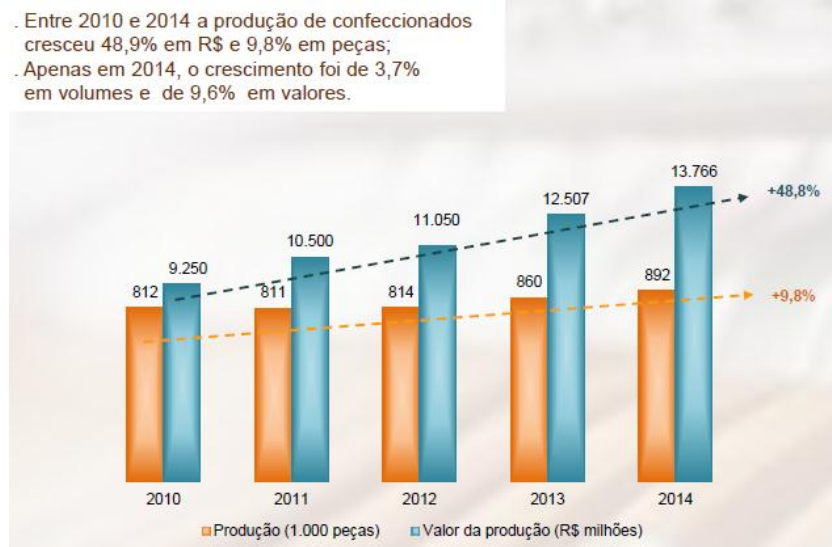
Segundo as informações do SINTEX, 2015, 1% das indústrias do polo do Itajaí são de grande porte, somando 29% dos empregos diretos na região. A produção de têxteis básicos caiu 8,1% com a crise internacional e a pressão dos importados, enquanto os artigos para o lar cresceram 7% e vestuário 11%. (SINTEX, 2015).

No ano de 2014: têxteis básicos alcançaram R\$8,8 bilhões, os têxteis para o lar R\$ 3,8 bilhões e artigos de vestuário 10 bilhões. As Figuras 5 e 6 representam a produção e o valor de produção de têxteis e confeccionados entre os anos de 2010 e 2014:

**Figura 5 - produção de têxteis (em toneladas e R\$) na região do Vale do Itajaí**



**Figura 6 - produção de confeccionados (em peças e R\$) na região do Vale do Itajaí**



Entre os anos analisados (2010 a 2014), pode-se dizer que enquanto a produção de têxteis decresceu -8,1% em volume, a produção de confeccionados cresceu 9,8% no mesmo período.

### 2.2.2.3 O Polo Têxtil do Ceará

Nas duas últimas décadas do século XIX, na região de Fortaleza e arredores, inicia-se o desenvolvimento da indústria têxtil no Ceará, estado que, em períodos anteriores, tinha como principais manufaturas a produção de sabonetes, óleo e alimentos utilizando técnicas rudimentares (ARAGÃO, 2002).

Em 1882 é aberta a Fábrica Progresso, a pioneira na área têxtil do estado. A Crise de 1929 não causou prejuízos significativos na indústria têxtil cearense, porém não houve uma abertura significativa de novas fábricas têxteis até a década de 60. Durante a Segunda Guerra Mundial houve um crescimento intenso na produção para suprir a demanda dos distribuidores localizados principalmente em São Paulo que vendiam para o mercado externo (ARAGÃO, 2002).

Em 1959 é criada a SUDENE com o objetivo de auxiliar e promover a industrialização da região nordeste através de incentivos fiscais e de crédito, reconhecendo a importância do setor têxtil para a economia nordestina, que na época estava enfrentando problemas administrativos, de produção e obsolescência de maquinário (ARAGÃO, 2002).

Graças à intervenção estatal este setor conseguiu sobreviver durante os anos 60, sendo o Ceará o estado que mais recebeu benefícios, que ocasionaram impactos positivos gerando uma revitalização do setor neste estado (MUNIZ, 2016).

A crise econômica da década de 80 prejudicou o desenvolvimento que estava ocorrendo nas duas décadas anteriores, reduzindo-se os investimentos com a industrialização. Devido à praga do bicudo, a produção algodoeira do Ceará é amplamente prejudicada, tendo este que importar ou adquirir de outras regiões, principalmente da centro-oeste (MUNIZ, 2016).

A partir da década de 90 ocorre a migração de indústrias da região Centro-sul para o Ceará e outros estados como Bahia e Rio Grande do Norte, sendo cada vez menos comuns os negócios com administração familiar. (ARAGÃO, 2002).

Hoje o estado do Ceará é o principal fabricante e fornecedor de produtos do ramo têxtil para grande parte da região nordeste produzindo também para outras regiões do Brasil, sendo que a maior parte da produção e empresas cearenses está na região de Fortaleza (VIANA *et al*, 2008).

Num período de 10 anos o número de empresas do setor subiu de 190 em 2002 para 399 estabelecimentos em 2012. Apesar de trabalhar com o mercado externo, o Ceará junto com a região de Fortaleza possui uma elevada importância regional dentro da área têxtil, está representando 16,5% do PIB estatal e gerando 30% dos empregos do setor na região, sua produção é centralizada principalmente na produção de fios de algodão e tecido *denim*. (VIANA *et al*, 2008).

**Figuras 7 e 8 - Obras financiadas pela SUDENE para a indústria têxtil na região do Ceará**



Fonte: SINDITEXCE (2002).

Figura 7 representando o futuro local de funcionamento da Têxtil União no Ceara.



Fonte: ARAGÃO (2002).

Figura 8 mostra um dos primeiros projetos incentivados pela SUDENE em meados da década de 60.

Assim como ocorreu na região de Americana, em São Paulo, a RMF também presenciou diversos vazios urbanos ou *brownfields* oriundos de antigas atividades industriais como a têxtil, principalmente na cidade de Fortaleza, alguns sendo destinados para outros usos como centros comerciais ou conjuntos de moradias populares (MUNIZ, 2016).

#### 2.2.2.4 O Polo Têxtil do Rio Grande do Sul

A indústria têxtil do Rio Grande do Sul passou a se desenvolver a partir da década de 1870, focando-se principalmente em tecidos de lã, devido ao clima mais frio e a proximidade com a matéria prima devido à tradição pecuarista do estado. Em 1873 a fábrica Rheingantz e Vater é fundada na cidade de Rio Grande, sendo a primeira fábrica têxtil aberta em território sul rio-grandense; anos depois passa a se chamar União Fabril, sendo primeira e principal produtora nacional de lã, utilizava maquinário europeu e fornecia uma variedade de produtos para diversos pontos do Rio Grande do Sul (VOGT,2003)

Em 1884 inicia-se a produção de tecidos em algodão no Rio Grande do Sul, que em função do clima desfavorável tinha que ser adquirido em grande parte do Nordeste, o que causou uma significativa defasagem no crescimento da indústria de têxteis gaúcha se comparada com outras regiões (VOGT,2003)

No final da década de 20 houve um declínio no consumo de tecidos em algodão, porém cresceu a participação de produtos em lã no mercado. O Lanifício São Pedro de Caxias do Sul obteve um significativo crescimento durante a década de 40 devido à demanda de tecidos para o exército durante a Segunda Guerra Mundial fornecendo desde fardas até cobertores entre outros (VOGT,2003)

Na década de 60 o setor têxtil gaúcho encontrava-se em defasagem tecnológica perante outros estados, tendo em suas instalações poucos teares e em sua maioria não automáticos. O setor não só no Rio Grande do Sul, mas em todo o país sofreu prejuízos com a crise econômica dos anos 80 (VOGT, 2003).

A abertura econômica da década de 90 e a ascensão do MERCOSUL fez com que mais empresas gaúchas passassem a exportar, principalmente para o Uruguai e Argentina devido a uma maior acessibilidade. Conseguindo, através da modernização, uma melhor competitividade no mercado. Durante este período



predominavam empresas de médio e pequeno porte, destacando-se a produção de artigos em lã, malharia, jeans e vestuário masculino e feminino (SCHERER; CAMPOS 1996).

Segundo o estudo de (LASCHUK; RÜTHSCHILLING 2014) os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul destacam-se na produção de malhas dentro da região sul, sendo os municípios gaúchos de Farroupilha (123), Nova Petrópolis (84), Caxias do Sul (63) e Porto Alegre (56) os principais produtores no segmento de malharia.

No ano de 2010, dos 31 mil estabelecimentos de vestuário presentes no estado, 37,2% concentravam-se na região metropolitana de Porto Alegre; 26,3% no nordeste gaúcho e 19,3% na região noroeste, sendo que 91,2% eram microempresas e somente uma considerada de grande porte (LASCHUK; RÜTHSCHILLING 2014).

No ramo da tecelagem, Caxias do Sul e Porto Alegre possuem 20 e 10 estabelecimentos para este fim, respectivamente. Nos últimos anos houve uma maior redução no ramo de tecelagem e um crescimento significativo na área de vestuário e malharia, sendo as principais regiões produtoras a região metropolitana e nordeste do estado (LASCHUK; RÜTHSCHILLING 2014).

### 2.3 A GLOBALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL E DE VESTUÁRIO

As diversas imigrações da indústria têxtil sempre tiveram a participação dos países asiáticos. No período pós-guerra, entre as décadas de 50 e 60, o Japão era o principal exportador de têxteis e vestuário para a América do Norte e Europa Ocidental. Nas décadas de 70 e 80 Taiwan, Hong Kong e Coreia do Sul passaram a liderar as exportações de produtos têxteis, principalmente para os países desenvolvidos. Mas a partir da década de 80 a China e outros países do sudoeste asiático passam a crescer e se destacar na produção têxtil como, por exemplo, Vietnã e em tempos mais recentes Bangladesh (GEREFFI,1999).

É também nessa década que ocorre a migração de parte da produção têxtil de empresas de países desenvolvidos para países periféricos, devido à mão de obra barata e poucos requisitos para a instalação da infraestrutura das fábricas. Com isso e por outros fatores o comércio internacional de têxteis, principalmente de vestuário passou a crescer em um ritmo mais acelerado do que o de costume e o preço das

roupas passou a cair cada vez mais, chegando a preços absurdamente baixos (GEREFFI,1999).

Nos últimos anos o continente asiático vem produzindo 2/3 de produtos têxteis e de vestuário consumidos mundialmente, com liderança da China representando 50,2% da produção (BEZERRA, 2014).

Um fator importante para o crescimento da indústria têxtil chinesa dentro do comércio internacional foi o fim do Acordo de Têxteis e Vestuário (ATV) em 2005, que restringia a quantidade de produtos têxteis importados pelos países. Com isso, as exportações chinesas foram de 8% para 25% num período de 11 anos (COSTA,2009).

Com uma cadeia têxtil moderna e integrada, a China possui uma postura extremamente competitiva e forte na conquista de novos mercados, levando em consideração a produção e venda de grandes quantidades produzidas, de forma padronizada, havendo produtos de variados níveis de qualidade. As indústrias nacionais, principalmente dos países desenvolvidos, devido ao crescimento e a competitividade da indústria chinesa passaram a adotar medidas protecionistas como tarifas para importações, barreiras não tarifárias e medidas *antidumping* (COSTA,2009).

Essa abertura comercial e a concorrência acirrada fez com que muitas empresas mudassem suas estratégias competitivas e comerciais, havendo também uma reestruturação do processo de produção para aproveitar oportunidades e ao mesmo tempo se ajustar ao novo e globalizado mercado, assim passou-se a importar com frequência, principalmente, por preços mais favoráveis do que no mercado interno (COSTA,2009).

Nos últimos anos Bangladesh se tornou o segundo maior exportador mundial de roupas, apenas atrás da China. A produção têxtil representa 85,9% das exportações do país, mais da metade das exportações realizadas por este país são provenientes do setor têxtil. Na Índia o setor têxtil é a segunda maior fonte de empregos, assim como no Brasil existe uma grande demanda interna, apesar do país também se destacar nas exportações de têxteis que representam 4% do PIB nacional

O Paquistão também é outro país que se destaca no setor têxtil e na produção de algodão, sendo o quarto maior produtor mundial, o setor têxtil representa 9,5% de seu PIB. A Indonésia destaca-se mais na produção de artigos de couro e

calçados, apesar de depender das importações de algodão, o setor têxtil é uma das principais manufaturas do país sendo também uma grande fonte de empregos (D'AMBROGIO,2014).

### **2.3.1 A indústria têxtil brasileira no comércio internacional**

O autor Sérgio Birchal afirma que o protecionismo da indústria nacional ocorrido entre as décadas de 1950 até 1980 inibiu a competitividade e o potencial produtivo da indústria brasileira de forma generalizada perante a concorrência internacional. Ele também afirma que este cenário só passa a mudar no final da década de 80, aonde já se pode notar os primeiros sinais da internacionalização da economia. Isso fez com que empresas começassem a buscar por inovação tecnológica e novas maneiras de lidar com o mercado internacional. A década de 90 é marcada pela transição de um regime fechado para um regime aberto, resultado da recente abertura comercial; é nessa época que pode se realmente dizer que o Brasil entrou no processo de globalização (BIRCHAL 2002).

Com o governo Collor é implantado um sistema de câmbio mais flexível, com reduções tarifárias, incentivos às exportações, eliminação de produtos que antes eram proibidos de serem importados e a eliminação de barreiras não tarifárias. Em 1994 é criado e introduzido o Plano Real no governo de Fernando Henrique Cardoso, com o objetivo de estabilizar a economia brasileira (MAGALHÃES, 2018).

A nova moeda valorizada atraiu a entrada de mais capital estrangeiro para o país, diminuiu os índices de inflação e aumentou o poder de compra dos importadores brasileiros, mas como consequência, dificultou o trabalho dos exportadores fazendo com que os produtos nacionais se tornassem mais caros no exterior. Com as exportações reduzidas há um desequilíbrio na balança comercial devido à sobrevalorização do câmbio (MAGALHÃES, 2018).

O setor têxtil brasileiro obrigou-se a reestruturar-se perante essa nova realidade econômica, modernizando seus equipamentos e infraestrutura, modificando seu processo produtivo e aperfeiçoando a qualidade de seus produtos, sendo possível também reduzir os custos de produção, fatores, os quais, muito dependem do nível de flexibilidade que a empresa possui para serem alcançados. (SARAIVA et. al 2005).

Mas cabe observar que essa adaptação e reestruturação deram-se de forma heterogênea, pois nesse período ocorreu a falência de muitas empresas em proporções nunca observadas antes, já que geralmente as empresas que optaram em investir em tecnologia e em novos meios de gestão e administração eram as de grande porte e as mais favoráveis a uma flexibilização de sua cultura gerencial e administrativa (SARAIVA et. al 2005).

Houve o declínio de alguns segmentos, como o de tecidos planos e o crescimento de outros, como é o caso das malhas de algodão. Por ser um produto mais barato e não necessitar de muitos investimentos, se tornou mais acessível aos novos consumidores favorecidos pelo sistema do plano real, além disso, muitas empresas do sul e sudeste se deslocaram para o Nordeste devido à mão de obra e aos incentivos fiscais. (KON; COAN, 2009)

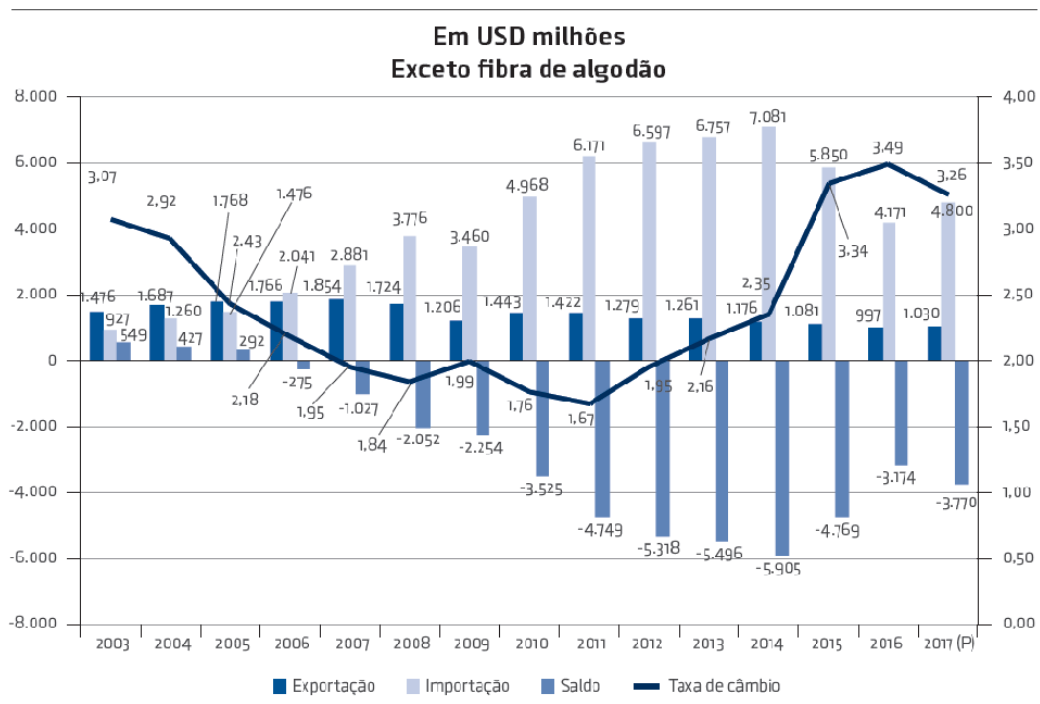
O Brasil passou a importar devido à falta de competitividade, em grandes quantidades, algodão, tecidos sintéticos e confecções prontas. A partir de 1994 as importações já superavam as exportações, superando o valor de US\$ 1 bilhão entre 1995 e 1997, causando um saldo negativo na balança comercial. Com a desvalorização do Real em 1999 as exportações passam a ser incentivadas e o setor logo começa a se recuperar com o declínio das importações e por ter investido em sua modernização ao longo da década (KON; COAN, 2009).

Nos últimos anos, o Brasil se tornou a 5ª maior indústria têxtil do mundo e a 4ª maior indústria de confecção, sendo o 4º maior produtor mundial de *denim* e o 3º maior consumidor, destacando-se também na produção de *beachwear*, moda *fitness* e moda íntima. Com 32 mil empresas presentes em todas as unidades federativas e com um faturamento de R\$129 bilhões ao ano (ABIT,2017).

Porém sua participação no mercado internacional ainda é pequena, com uma participação de apenas 0,3% nas exportações mundiais e 0,8% de participação nas importações dentro do cenário internacional, já que grande parte da produção é destinada ao mercado interno (ABIT, 2017).

A Figura 9 nos mostra a situação da balança comercial a partir do ano de 2003 até 2017 (apenas sua projeção). (ABIT apud IEMI, 2017).

Figura 9 - Balança Comercial têxtil



Fonte: MDIC (Elaboração Abit), 2017.

Fonte: MDIC e ABIT, 2017.

Como podemos observar, o setor têxtil brasileiro apresenta uma balança deficitária, com um saldo negativo e um número maior de importações a partir de 2006 com uma contínua queda nas exportações, quando ocorre uma maior queda na taxa de câmbio, atingindo seu maior *déficit* em 2014.

Por diversos anos a Argentina e os EUA têm sido os principais compradores do produto têxtil brasileiro, representando em 2007 27,5% e 26,2% respectivamente do total exportado, mas com o fim do ATV o Brasil perdeu participação no mercado norte americano para a China, que atualmente é a principal parceira comercial do Brasil não só no setor têxtil, mas também em diversos outros e passou a exportar em maiores proporções para países da América Latina, principalmente para o MERCOSUL (COSTA,2009).

A seguir será abordado a respeito do conceito de logística e conceito de cadeia de suprimentos com ênfase para para para o setor têxtil, a situação da importação e da exportação dentro do setor e por último questões do setor têxtil envolvendo outros problemas como meio ambiente e superprodução.

## 2.4 CONCEITO DE LOGÍSTICA

A logística nasceu dentro do meio militar com uma estratégia usada pelos militares para suprirem seus exércitos da maneira mais adequada evitando a falta de itens considerados importantes, esse conceito foi mais relevante até a década de 50. Após essa época o conceito de logística passou a mudar para algo mais parecido com o que se tem atualmente, saindo somente do meio militar, e passando a ser usado em outras áreas como na indústria e no comércio (SOARES,2016).

Sendo um elemento importante para estes estudarem as melhores formas de levarem seus produtos até os consumidores finais, e encontrarem os melhores fornecedores para a obtenção das matérias primas e outros componentes necessários para a produção, passando-se a criar uma logística integrada com ligações estratégicas entre fornecedor, empresa e cliente. (SOARES,2016).

Esse conceito passa a ganhar força a partir da década de 80, onde também nasce o conceito de Gerenciamento da cadeia de suprimentos, que naquela época possuía algumas características diferenciadas se comparadas com o que se conhece atualmente. Essa integração e conceito passam a ser cada vez maiores, principalmente na década de 90 com a globalização dos mercados, países, economias e inovações tecnológicas. (SOARES,2016).

A logística pode ser dividida em logística de entrada: que abrange desde a aquisição das matérias primas com os fornecedores até a montagem e produção na fábrica. E logística de saída: é associada ao produto já acabado e sua movimentação até o consumidor final. Pode ser utilizada tanto em produtos como em serviços, com o objetivo de disponibilizar estes nos locais e épocas desejadas, por um custo favorável para os consumidores e clientes (SOARES, 2016).

As questões logísticas abrangem uma variada gama de atividades e operações bem como a sua gestão, tais como: meios de transporte, armazenamento, estocagem, atendimento de pedidos, rotas, oferta e demanda, *marketing*, contratos, atendimento ao cliente, planejamento das operações dentre outras, envolvendo o conhecimento de planejamento tático, estratégico e operacional em suas atividades. O termo logístico está cada vez mais associado à gestão da cadeia de suprimentos sendo considerado um termo mais eficiente para definir as atividades relacionadas à logística (SOARES, 2016).

### **2.4.1 Conceito de Cadeia de Suprimentos**

Inicialmente a logística e o gerenciamento da cadeia de suprimentos ou *Supply Chain Management* (SCM) possuíam o mesmo conceito, sendo o gerenciamento da cadeia de suprimentos (SCM) a parte externa do processo logístico segundo a definição do *Council of Logistics Management* (CLM) em 1986, modificando-se em 1998 quando o CLM passou a definir a logística como parte do gerenciamento da cadeia de suprimentos, sendo este mais amplo, complexo e abrangente ao se comparar com a logística, envolvendo diversas áreas, empresas, pessoas, locais e produtos (SCANDIUZZI, 2011).

A cadeia de suprimentos é basicamente composta por uma rede que envolve desde fornecedores da matéria prima, até transportadoras, empresas e os consumidores finais de maneira expansiva e inter-relacionada não sendo um processo isolado (SCANDIUZZI, 2011). Atualmente muitas empresas veem o GCS como uma peça chave para melhorias no desempenho organizacional e aumento da lucratividade, sendo o GCS composto por diversos estágios aonde o objetivo é satisfazer as necessidades do consumidor final contemplando o processo produtivo do início ao fim (FELLOUS, 2009).

### **2.4.2 Cadeia de Suprimentos dentro do setor têxtil**

As indústrias do setor têxtil e do vestuário possuem uma maior tendência de dispersarem-se geograficamente e de passarem por diversas mudanças num curto período de tempo. O fato das etapas de seu processo produtivo ser normalmente mais fragmentadas torna favorável a sua dispersão geográfica e a mobilização de suas atividades produtivas, principalmente com aquelas que envolvem o uso intensivo da mão-de-obra como a costura e que são vistas como fonte de emprego e consequentemente de desenvolvimento econômico e industrial pelos países em desenvolvimento (CRUZ-MOREIRA, 2003).

Como principais consumidores mundiais destacam-se Estados Unidos da América, União Europeia e Japão, supridos geralmente por países da Ásia e América Latina, com uma parcela menor proveniente dos países africanos e da Europa

Oriental, com a China ocupando a liderança nas exportações. A indústria têxtil e de vestuário possui uma maior valorização nas atividades que envolvem o design e a produtividade para que atendam a demanda de forma ágil e satisfatória para o cliente, e garantindo lucratividade. (CRUZ-MOREIRA, 2003).

Com o auxílio também das inovações tecnológicas desenvolvidas pelos países ocidentais, o que acabou contribuindo com as questões logísticas e com a questão do conceito de *Globalsourcing* como prática empresarial de abrangência global, buscando os melhores recursos e o melhor custo-benefício para qualquer local e a qualquer hora. As marcas produtoras possuem como prioridade sua gestão além do design, *marketing* e divulgação de seus produtos (CRUZ-MOREIRA, 2003).

A empresa Zara de origem espanhola, por exemplo, montou sua cadeia de suprimentos a partir do método *Just-in-Time*, inicialmente oferecendo seis coleções ao ano, se tornou umas das redes de vestuário mais bem-sucedidas possuindo lojas em diversos países, nos cinco continentes, oferecendo novos produtos duas vezes na semana para seus clientes. Outro exemplo relevante a ser citado são os Tigres Asiáticos que nasceram já com uma orientação voltada para a exportação, devido a este fator, desde cedo houve investimentos na inovação tecnológica e qualificação da mão de obra, e depois de obterem uma maior qualificação da mão de obra passaram parte da produção para países emergentes próximos no sul e sudeste asiático (CRUZ-MOREIRA, 2003).

As inovações tecnológicas da indústria têxtil possuem uma ênfase direcionada principalmente para o maquinário com equipamentos mais velozes e eficientes e matérias primas com maior praticidade e facilidade de obtenção, diminuindo-se a dependência do algodão, sendo assim existe o auxílio de outros setores para possibilitar essas mudanças, destacam-se o setor metalomecânico, agroindustrial e a indústria química na questão do tingimentos e em tratamentos específicos no tecido ou fibras (MELO et al., 2007).

Todos os setores da cadeia produtiva e da cadeia de suprimentos devem trabalhar da maneira mais eficiente possível para atender as exigências dos consumidores e do mercado, tanto o doméstico quanto o exterior, num período de tempo mais breve possível. Como mencionado anteriormente a respeito da defasagem tecnológica do parque industrial têxtil do Brasil. (MELO et al., 2007).



O atraso da modernização desta indústria foi um fator chave para desencadear uma reestruturação que possibilitasse um maior potencial competitivo no mercado e uma maior abertura ao ambiente global; isso só ocorreu devido à nova política econômica adotada na década de 90, que apesar dos investimentos no setor, não conseguiu alcançar todos os objetivos esperados e desejados, tendo um enfoque maior no mercado interno, sendo que há muitas empresas têxteis ainda carecendo de modernização e investimentos (MELO et al, 2007)

A China usa uma estratégia que visa facilitar as questões logísticas de sua produção, tanto de roupas como de outros produtos. As fábricas chinesas costumam instalar-se próximas a portos e centros de distribuição em diferentes partes do país para que seja mais fácil de exportar para variados destinos ao redor do mundo possibilitando um melhor atendimento da crescente demanda. Nos últimos anos está ocorrendo um fenômeno que já ocorreu com outros países próximos como Japão e Coréia do Sul, a transferência da produção para países periféricos e de economia jovem começando a se desenvolver, fabricas da China estão transferindo a produção ou parte dela para países como Bangladesh, Laos e Camboja (D'AMBROGIO, 2014).

### **2.4.3 Exportação do setor têxtil brasileiro**

Segundo as informações de Prochnik, são três empresas que lideram nas exportações de produtos têxteis no Brasil: a Santista, Vicunha e Conteminas, sendo o algodão e seus derivados o carro-chefe das exportações brasileiras dentro do segmento têxtil não só destas, mas de diversas outras fábricas pelo país de todos os portes em busca de mais desenvolvimento e competitividade. Infelizmente ainda há muitas empresas impossibilitadas de trabalhar com o mercado interno devido à desatualização e ao excesso de informalidades que impedem estas de alcançarem um desempenho e uma competitividade favorável para os padrões internacionais. (PROCHNIK,2003).

A atividade exportadora têxtil é maior nos países em desenvolvimento para os países desenvolvidos, principalmente confecções. Geralmente ocorre uma reexportação dessas confecções prontas já que a matéria prima é importada principalmente das nações desenvolvidas ou de acordo com a viabilidade logística. Outro fator a ser levado em consideração na questão logística da exportação é a

instalação de filiais em países emergentes devido ao baixo custo de produção e próximos aos mercados de destino de forma estratégica. (PROCHNIK,2003).

O Brasil só passou a ser mais participativo nas exportações a partir dos anos 2000 com os têxteis, não possuindo uma dinâmica favorável na exportação de confecções prontas tanto para os EUA quanto para a UE, perdendo parte do mercado para outros países como a China. No ano de 2000, por exemplo, as confecções brasileiras detinham somente 0,07% do mercado europeu (PROCHNIK, 2003).

Alguns problemas enfrentados pela indústria têxtil do Brasil e que prejudicam sua logística e comércio externo são a informalidade, dificuldade na gestão e na modernização por parte das micro e pequenas empresas, práticas comerciais desleais, forte concorrência asiática, contrabando, falta de investimentos, etc. (DEPEC-BRADESCO, 2015).

Na Tabela 3 podemos observar a posição da indústria têxtil brasileira entre os principais exportadores mundiais em 2016 com China e Índia na liderança:

**Tabela 3 - Principais exportadores mundiais de têxteis em 2016**

PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES			
COLOCAÇÃO	PAÍS	US\$ MILHÕES	PARTICIPAÇÃO (%)
1	China	273.573	34,80
2	Índia	37.162	4,70
3	Alemanha	32.408	4,10
4	Bangladesh	31.788	4,00
5	Itália	31.644	4,00
6	Vietnã	28.420	3,60
7	Hong Kong	26.539	3,40
8	Turquia	26.357	3,40
9	Estados Unidos	24.885	3,20
10	Espanha	15.937	2,00
<b>40</b>	<b>Brasil</b>	<b>2.313</b>	<b>0,30</b>

**Fonte:** IEMI, 2016

As informações da ABIT e os dados observados na tabela indicam que o Brasil teria um potencial bastante favorável para estar entre os principais exportadores, devida sua posição dentro da produção mundial. Porém, como boa

parte da produção abastece o mercado interno, conseqüentemente sua participação nas exportações mundiais é de apenas 0,3% ocupando a 40ª posição no *ranking* mundial, enquanto isso a China que está na liderança detém 34,80% das exportações mundiais. (ABIT,2017).

Observando a Tabela 4 a seguir, fornecida por ABIT, 2016 podemos ter a informação de quais são os principais produtos exportados pelas indústrias têxteis do Brasil:

**Tabela 4 - Principais produtos exportados:**

### EXPORTAÇÃO (sem fibra de algodão)

Descrição	Toneladas		Variação (%)
	jan-fev/2016	jan-fev/2017	2017/2016
Total geral*	30.511	29.606	-2,97
1. Fibras Têxteis*	7.324	7.398	1,01
2. Fios	3.302	2.411	-26,96
3. Filamentos	1.562	1.517	-2,89
4. Tecidos	5.018	3.812	-24,04
<i>Algodão</i>	3.621	2.180	-39,79
<i>Malha</i>	672	767	14,13
5. Linhas de Costura	80	126	58,29
6.1. Vestuário	329	349	5,93
6.2. Roupas de cama, mesa e banho	506	713	40,95
7. Outras Manufaturas	12.019	12.711	5,76

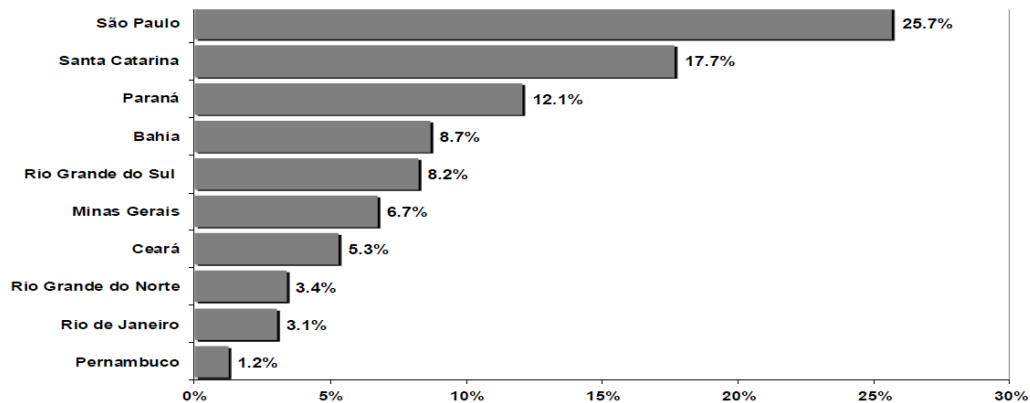
**Fonte:** IEMI-sistema ALICEWEB (2017)

Os principais produtos de destaque da indústria têxtil nacional são as fibras e fios; no período entre 2016 a 2017 houve um declínio na exportação de fios e tecidos e um acréscimo significativo para linhas de costura e as roupas para cama, mesa e banho, que ultrapassam as exportações de vestuário, segmento ainda com uma participação pequena e pouco competitiva nas exportações brasileiras, mas com potencial para crescer e se expandir nos próximos anos.

A Figura 10 nos mostra os principais estados exportadores do Brasil:

**Figura 10 - Principais estados exportadores dentro do setor têxtil brasileiro:**

**PARTICIPAÇÃO NAS EXPORTAÇÕES DA CADEIA TÊXTIL**  
(por estado, 2015)



**Fonte:** IEMI/SECEX/ABIT/Bradesco (2015)

Podemos observar que o estado de São Paulo está na liderança com 25,7% de participação nas exportações nacionais, principalmente por ser sede do maior polo têxtil do Brasil, que é o polo de Americana, que contribui em grande parte para o desempenho exportador, além de outras regiões estaduais como o polo têxtil da região do ABC que também possui um bom desempenho produtivo e competitividade.

Somente atrás de São Paulo está o estado de Santa Catarina, que possui o segundo maior polo têxtil do Brasil, o polo do Itajaí, que já possui certa tradição exportadora com 17,7% de participação, com um foco maior na linha lar e malhas. Foi na Bahia que se desenvolveu o primeiro polo têxtil do Brasil, sendo nesta região o início de diversas atividades de manufaturas, e logo abaixo vem o Rio Grande do Sul com uma participação de 8,2% produzindo principalmente malhas e artigos em lã.

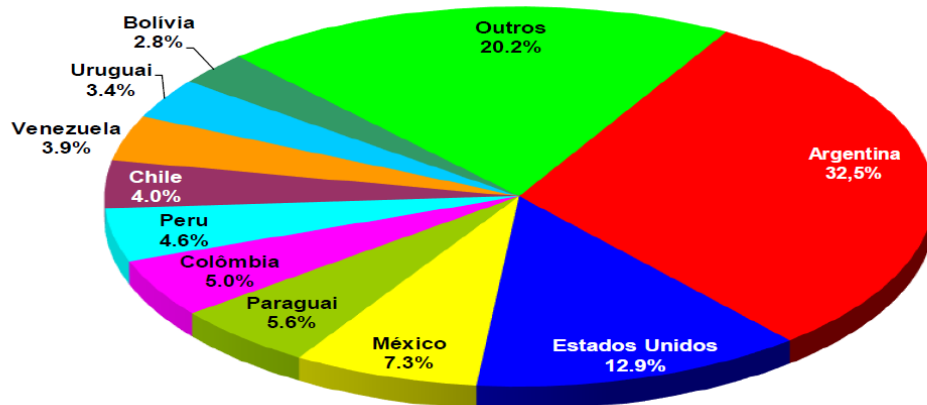
Com uma participação de 5,3% o terceiro maior polo têxtil do Brasil está localizado no estado do Ceará e apesar de seu potencial produtivo, destina a maior parte de seus produtos para o mercado interno e regional, não havendo um grande desempenho na questão da exportação, algo que poderia ser desenvolvido e que

beneficiária a indústria regional. Mesmo assim o estado do Ceará acaba por ser uma referência regional e nacional no segmento têxtil.

A Figura 11 mostra os principais destinos do produto têxtil brasileiro (DEPEC-BRADESCO,2015).

**Figura 11 - Destino das exportações brasileiras de produtos têxteis em 2015**

### **DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS TÊXTEIS (2015)**



Fonte: SECEX/ABIT/IEMI/Bradesco (2015)

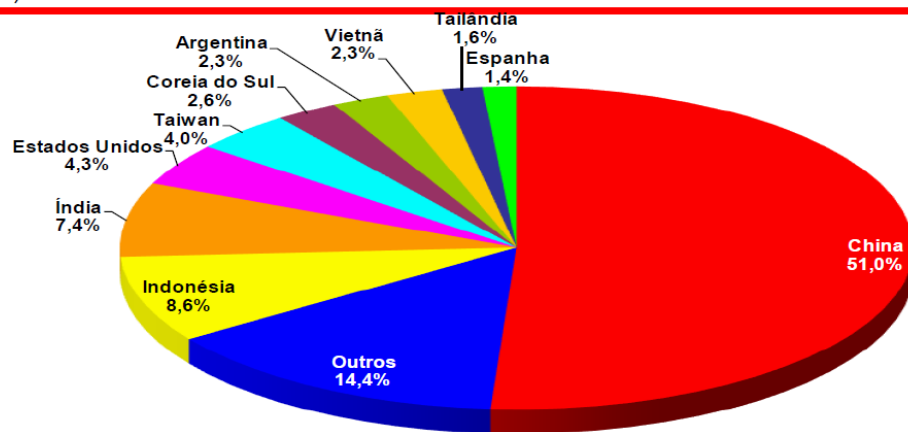
Tradicionalmente a Argentina e os Estados Unidos são os principais clientes do produto têxtil brasileiro com contribuições de 32,5% e 12,9% respectivamente, sendo a maioria de seus compradores países da América Latina e do MERCOSUL. 20,2% representam outros países ao redor do mundo.

#### **2.4.4 Importação do setor têxtil brasileiro**

A maior parte das importações brasileiras é de tecidos e filamentos que representam 24,3% do consumo interno de têxteis, provenientes principalmente da China, Índia e Indonésia. Já os confeccionados que representam apenas 11,3% das importações nacionais, são em sua maioria peças de vestuário provenientes da China com 55,8% (DEPEC-BRADESCO, 2015).

A Figura 12 apresenta um gráfico mostrando os principais países de origem dos têxteis importados:

**Figura 12 - Principais países exportadores de têxteis para o Brasil em 2015**  
**IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS TÊXTEIS – PÁISES DE ORIGEM**  
 (2015)



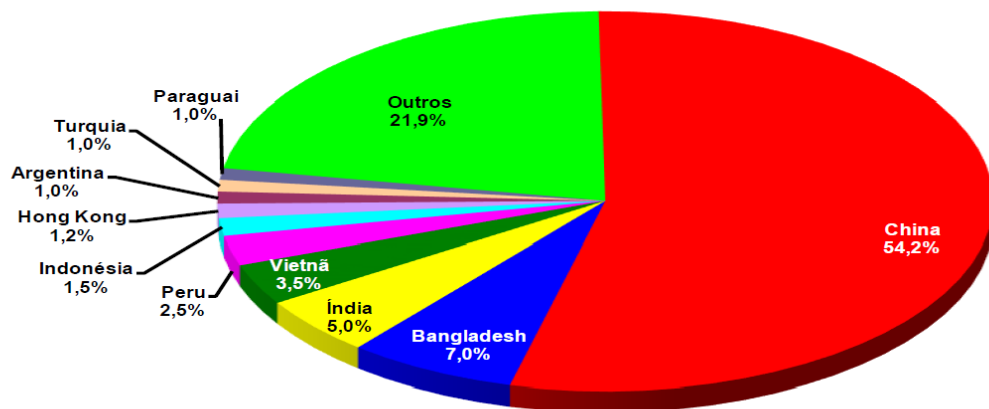
Fonte: IEMI, Bradesco

Fonte: IEMI, Bradesco (2015).

A China é o principal importador de tecido não só para o Brasil, mas também para diversos outros países, sendo que 51% do têxtil importado no Brasil é de procedência chinesa. Podemos observar também que a maioria das importações no segmento têxtil é oriunda de países asiáticos e, além da China, temos Indonésia e Índia que são países que estão crescendo dentro das importações brasileiras, não somente de têxteis, mas também em outros segmentos. A Argentina e os EUA que são os principais compradores do têxtil brasileiro também vendem para o Brasil 2,3% e 4,3% de sua produção no segmento têxtil (DEPEC-BRADESCO, 2015).

A Figura 13 apresente exclusivamente as importações brasileiras no segmento de vestuário:

**Figura 13 - Origem das confecções importadas pelo Brasil em 2015**  
**IMPORTAÇÕES DE PRODUTOS CONFECCIONADOS – PAÍSES DE ORIGEM**  
 (2015)



Fonte: IEMI, Bradesco



Fonte: IEMI, Bradesco (2015).

A China se destaca e possui 54,2% das importações brasileiras de confecções, em seguida vem Bangladesh, um país que recentemente vem se destacando no mercado do vestuário, exportando em grandes proporções para países desenvolvidos e fabricando roupas para as principais cadeias de vestuário. Mas perto da China, ainda possui uma parcela pequena no mercado de vestuário do Brasil com 7,0% de participação, logo após vem a Índia, país vizinho de China e Bangladesh com 5% de participação, país também com tradição na exportação e produção de têxteis (DEPEC-BRADESCO,2015).

## 2.5 PROBLEMÁTICAS DO SETOR TÊXTIL

Dentre os principais problemas envolvendo a indústria têxtil, tanto no Brasil como também em outros países, estão os problemas relacionados à superprodução de roupas e a produção de resíduos têxteis oriundos das indústrias produtoras, ao

meio ambiente como a questão do desperdício e poluição da água e do ar por gases tóxicos e problemas associados às condições de trabalho da mão-de-obra dentro da cadeia de produção, como acontece muito dentro da indústria do vestuário por marcas amplamente internacionalizadas que produzem em larga escala e em prazos definidos por preços extremamente baratos ao redor do mundo. (THE TRUE COST,2015).

O documentário The True Cost, 2015, apresenta de uma forma clara as condições de trabalho e as condições de vida da mão-de-obra por trás das roupas produzidas, sendo que são esses trabalhadores que pagam o verdadeiro preço por essas peças vendidas por grandes marcas do ramo de vestuário a preços tão atrativos para o público, além das consequências causadas por esse modo de produção e consumo, que afeta também os consumidores, criando a necessidade destes quererem consumir mais roupas para continuarem comprando e descartando roupas em curtos intervalos de tempo. (THE TRUE COST,2015).

O The True Cost aborda com detalhes e de forma profunda o maior desastre ocorrido dentro da indústria do vestuário, o desabamento do edifício Rana Plaza em Bangladesh no ano de 2013, que abrigava ao menos cinco fábricas de roupas que produziam para grandes marcas do vestuário ocidentais, causando prejuízos incalculáveis para os milhares de pessoas e famílias envolvidos nessa tragédia e que são sentidos até hoje por essas pessoas (THE TRUE COST,2015).

### **2.5.1 Meio Ambiente**

De acordo com o periódico OEM update, 2016. A água é um recurso amplamente utilizado pela indústria têxtil em diversos tratamentos e processos de produção, o que faz com que a poluição da água seja o principal impacto ambiental causado por esta indústria. Na produção do *jeans*, por exemplo, são necessários 7.000 litros de água para se produzir um único par, anualmente são produzidos dois bilhões de pares por ano em média. (OEMUPDATE,2016).

O tingimento é um dos principais responsáveis por este problema, sendo que os pigmentos utilizados são compostos por uma infinidade de produtos químicos, podendo conter em alguns casos metais pesados e substâncias altamente tóxicas, sendo despejados nos rios e lagos nas proximidades da fábrica antes de se obter o produto final, afetando também a vida aquática e os seres humanos. Em Bangladesh



a indústria têxtil causou um prejuízo de 217 milhões de m<sup>3</sup> de águas poluídas em rios e afluentes em 2016, se continuarem neste ritmo o prejuízo pode chegar a 349 milhões de m<sup>3</sup> em 2021, os metais pesados mais comuns encontrados são mercúrio, cádmio, níquel, cromo entre outros. (SAKAMOTO et al, 2019)

Em algumas localidades do país foram encontrados fragmentos de pigmentos têxteis e outras substâncias em legumes irrigados com a água destes rios nas proximidades de áreas industriais, além de uma elevada incidência de câncer e outras doenças na população local, já que esta água contaminada acaba se infiltrando no solo, um problema que poderia ser resolvido através de avaliações topográficas e instalação de filtros específicos na região (SAKAMOTO et al, 2019)

Felizmente existem meios para minimizar os danos ambientais causados durante o processo produtivo como a substituição por produtos biodegradáveis e a remoção destes corantes das águas. No Brasil algumas fábricas têxteis estão usando o método da adsorção, que consiste no uso de uma superfície sólida para reter um fluido, geralmente usa-se carvão ativado, porém possui um alto custo e não é eficaz para alguns tipos de corantes (TONIOLLO et al, 2015)

O dióxido de carbono e o enxofre proveniente da combustão das caldeiras têm contribuído para o aparecimento da chuva ácida e diminuição na qualidade do ar favorecendo um aumento da incidência de doenças respiratórias, principalmente em crianças e idosos. A produção de gases provenientes das atividades têxteis é de aproximadamente 1,2 bilhões de toneladas anuais, sem contar com o transporte destes tecidos e peças que normalmente são rodoviários ou por navios em contêineres, como acontece com a maioria das roupas importadas que temos disponíveis em nosso mercado, muitos dos navios utilizados produzem uma quantidade de gases tóxicos.(RUDENKO,2018).

As grandes quantidades de resíduos sólidos gerados são proporcionais ao consumo da matéria-prima, tanto os resíduos provenientes do processamento do algodão quanto aqueles provenientes do processo de produção que podem ser reciclados e/ou reutilizado como, por exemplo, as sobras de tecidos que não chegaram a serem processadas podem ser utilizadas na confecção de artigos mais rudimentares como cordas e redes (TONIOLLO et. al,2015).

Está havendo nos últimos anos dentro do segmento têxtil uma maior preocupação com a questão do meio ambiente e da sustentabilidade, e no Brasil já

existem várias empresas procurando executar seu trabalho de uma maneira diferente em prol do meio ambiente. O uso do algodão orgânico está se popularizando assim como novas matérias primas para substituí-lo como as fibras da proteína de soja (SPR- *Soybean Protein Fibers*). (TONIOLLO et. al,2015).

O plantio de algodão demanda imensas quantidades de água e agrotóxicos, sendo que a maioria das plantações de algodão hoje é constituída por plantas geneticamente modificadas. Apesar do crescimento na utilização de algodão orgânico, este ainda representa somente 1% do consumo mundial. Recomenda-se escolher o maquinário e equipamentos com precaução levando em consideração a instalação de filtros removedores de impurezas e resíduos e tanques para tratamento de água, sempre dando preferência para produtos que sejam biodegradáveis (TONIOLLO et. al,2015).

A Figura 14 mostra de forma ilustrativa um dos impactos ambientais causados pela produção têxtil e de vestuário neste caso a poluição da água por corantes de uso industrial:

**Figura 14 - Água poluída por pigmentos de indústria têxtil no Egito**



**Fonte:** Perry, 2018

Foto tirada nas proximidades de uma fábrica têxtil no Egito, em um distrito da cidade do Cairo. Indica de forma clara como a produção têxtil pode afetar o meio ambiente e as pessoas e outros seres vivos que vivem próximos, neste caso um rio com a água tingida por estes corantes.

### 2.5.2 Super produção

Dados de 2018 afirmam que aproximadamente 150 bilhões de peças de vestuário são produzidas anualmente no mundo, sendo que 30% dessa produção ficarão sem serem vendidas e outra parte vai para os *outlets* e seções de desconto; essas roupas descartadas geram um prejuízo de 460 bilhões de dólares para a economia mundial, dinheiro que poderia ser investido em causas importantes para a população como saúde, segurança e desenvolvimento por exemplo. (RUDENKO, 2018).

Na forma de consumo atual está se produzindo mais quantidade e se utilizando por menos tempo, fazendo trocas em intervalos mais curtos, é o que acontece nos países desenvolvidos, das roupas produzidas por marcas de *fast-fashion*, 50% será descartado em menos de um ano (RUDENKO, 2018).

A indústria têxtil, no geral, demanda um grande consumo de água, energia e recursos não renováveis sendo considerada uma das indústrias que mais causa impactos ambientais no mundo incluindo a produção de resíduos. Em média 12,8 milhões de toneladas de roupas vão para aterros anualmente, é estimado que em 2030 a produção mundial de vestuário chegue a 102 milhões de toneladas. (RUDENKO, 2018).

A superprodução de roupas surgiu devido a diversos fatores, entre eles o crescimento da população mundial e mudanças no comportamento dos consumidores. O surgimento de lojas *fast-fashion* incentivou o consumidor a desejar roupas novas em maior quantidade e por um preço atrativo em curtos períodos de tempo, normalmente são roupas de baixa qualidade e com pouco valor agregado, sendo necessário seu descarte devido à baixa durabilidade. (RUDENKO, 2018).

É interessante observar a questão do número de coleções de uma marca, enquanto marcas mais tradicionais, com roupas de maior valor agregado e produzidas em menor escala lançam suas coleções de acordo com as estações do ano, as marcas de *fast-fashion* normalmente possuem em um ano aproximadamente 52 coleções, cerca de uma coleção por semana. (RUDENKO, 2018).

No modo de produção dessas marcas o volume de produção ultrapassa o volume de demanda, o que aumenta o descarte excessivo e desnecessário de roupas todos os anos. O destino destas peças não vendidas provenientes desta superprodução é variado, entre alguns estão a venda dessas peças em *outlets*. Muitos países desenvolvidos doam contêineres com toneladas de roupas para países subdesenvolvidos como Gana, Senegal e Haiti, apesar de não ser uma das melhores medidas a serem tomadas já que normalmente podem ser roupas com defeitos ou de extrema baixa qualidade; em alguns casos estas roupas podem ser recicladas; os tecidos podem ser reaproveitados para outras finalidades ou podem ser incineradas (RUDENKO,2018).

De acordo com a professora de marketing em moda Patsy Perry para o jornal britânico *The Independent*,  $\frac{3}{4}$  dos britânicos descartam suas roupas indesejadas ao invés de doá-las e este comportamento é similar em outros países europeus e EUA, já que estas marcas incentivam o desejo por novidades encorajando esses consumidores a comprarem produtos novos, fazendo de roupas e acessórios itens descartáveis e que se pode comprar mais a qualquer hora e qualquer lugar, já que estes saem de moda rapidamente e possuem um preço baixo (PERRY, 2018).

### **2.5.3 Condições de trabalho**

A reportagem da Deutsche Welle de 2017 por Fernando Caulyt descreve uma situação comum de muitos trabalhadores que produzem para grandes marcas do vestuário, não é um problema exclusivo da indústria de vestuário dos países asiáticos, mas é também um problema presente no Brasil já há alguns anos. Para acompanhar a demanda e concorrência global, trabalhadores são submetidos a situações degradantes e insalubres, consideradas análogas à escravidão, e em ambientes com infraestrutura precária, infringindo as normas da Organização Internacional do Trabalho (OIT). No Brasil já foram registrados casos deste tipo envolvendo marcas nacionais e estrangeiras com produção no Brasil (CAULYT, 2017).

No segmento do vestuário criou-se um termo denominado de *sweatshops* ou fábricas de suor para definir a produção de roupas com orientação para a exportação, aonde os trabalhadores possuem uma carga horária excessivamente

longa e maçante e salários muito baixos, além de péssimas condições de trabalho nestas fábricas para confeccionar roupas com aparência atrativa e extremamente baratas para o consumidor. Na sua maioria são mulheres mais jovens, normalmente são localizadas em países asiáticos, com destaque para China, Índia e Bangladesh, produzindo para marcas de países desenvolvidos que ficam com a maior parte do lucro (CAULYT, 2017).

A autora Banerjee (2018) defende a opinião de que boicotar e fechar estas *sweatshops* não é uma decisão muito ética já que isso poderá causar impactos negativos na economia de países subdesenvolvidos e na renda da população mais humilde, pois muitas vezes não há outras opções de trabalho disponíveis, sendo que esses trabalhadores têm conhecimento do mau tratamento que levam durante o trabalho e das condições precárias (BANERJEE, 2018).

Há também a questão do trabalho infantil, onde grande parte é proveniente de crianças e adolescentes de famílias extremamente pobres na qual o trabalho que esses jovens exercem é a única fonte de renda dessas famílias. A autora acredita que nesta condição o trabalho infantil sem alguma solução que o substitua pode levá-las a atividades mais perigosas como a prostituição (BANERJEE, 2018).

Nas duas últimas seções do referencial teórico deste trabalho serão abordadas as questões de mão-de-obra. A partir de dois exemplos relevantes para entender essa situação, um deles no Brasil e o outro em Bangladesh, para assim poder entender essa situação a partir de duas perspectivas diferentes. Enquanto no Brasil existe a mão-de-obra de imigrantes bolivianos para trabalhar nas oficinas de costura para produzir internamente, em Bangladesh a maioria dos trabalhadores são mulheres de regiões rurais do país, produzindo para diversas marcas de vestuário estrangeiras.

## 2.6 IMIGRANTES BOLIVIANOS EM SÃO PAULO

A reestruturação do setor têxtil que ocorreu na década de 90 após a abertura comercial tornou o setor mais competitivo em função da facilidade do acesso a produtos importados pelos brasileiros, isso fez com que muitas marcas e confecções buscassem novas maneiras de atuar no mercado, como subcontratações e terceirização da produção. Foi na década de 90 também que houve um crescimento

significante de imigrantes sul americanos, principalmente de bolivianos para a cidade de São Paulo. Inicialmente a maior parte da mão de obra na confecção era composta por imigrantes coreanos e com o declínio no número de imigrantes desse país, estes passaram a ser substituídos por trabalhadores nordestinos e bolivianos (COUTINHO, 2011).

Em muitas cidades bolivianas é comum encontrar ofertas de emprego enganosas para trabalhar com costura no Brasil, normalmente em cartazes ou em rádios, com isso muitos desses cidadãos recrutados e atraídos por uma nova oportunidade de melhorar suas condições de vida acabam entrando clandestinamente no Brasil e ficando ilegalmente e sem seus documentos regularizados. Nas oficinas de costura em São Paulo estes trabalhadores estrangeiros passam a maior parte do tempo trabalhando, raramente saindo para as ruas, já que estes vivem nestas oficinas as quais trabalham, sendo supervisionados pelos patrões rigorosamente, recebem de R\$0,15 a R\$0,50 por peça, mensalmente recebem cerca de R\$500 (COUTINHO, 2011).

Pelo fato do Real ser mais valorizado em relação à moeda boliviana faz com que muitos destes imigrantes enviem parte do dinheiro recebido para o sustento de suas famílias no país de origem, mas por estarem na condição de ilegais torna muito difícil a melhorias das precárias condições e ambiente de trabalho. Esses imigrantes não possuem nenhuma assistência e direitos básicos de um trabalhador fornecidos pela CLT- Constituição de Leis do Trabalho, essa situação análoga à escravidão infringe tanto as leis brasileiras quando a questão da ética e direitos humanos. (COUTINHO,2011)

É cada vez mais comum em São Paulo a fiscalização de confecções de vestuário, diversas marcas e lojas que fazem o uso de subcontratação já foram multadas com valores extraordinários pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) em função desse problema envolvendo a mão de obra imigrante (COUTINHO,2011)

No ano de 2017, o programa Domingo Espetacular da TV Record fez uma reportagem abordando de forma nítida essa realidade, havendo inclusive visitas a essas oficinas onde foram observados problemas de fiação exposta, falta de ventilação e excesso de umidade. Um detalhe que chamou a atenção na reportagem foi a presença de crianças pequenas nesses locais, já que muitas mulheres imigrantes

acreditam que ter um filho nascido no Brasil as livre da condição de estar no país ilegalmente. (TV RECORD,2017)

Foi mencionado que na região metropolitana de São Paulo existam de 8.000 a 12.000 oficinas de costura nas situações relatadas e cerca de 100 mil empregados, normalmente são em galpões ou em casas comuns. Ainda, nessa mesma reportagem, é relatado que essa pratica existe em outros lugares como na Argentina, China e países do sudeste asiático. As grandes marcas terceirizam parte de sua produção para confecções, que ao não conseguirem dar conta da demanda, contratam as pequenas oficinas. Muitas trabalham clandestinamente e os trabalhadores são submetidos a condições análogas a de escravidão para baratear custos e por fim aumentar o lucro. (TV RECORD,2017)

É afirmado que muitas das oficinas clandestinas ainda estão em atividade por falta de fiscalização, sendo que há somente 4 fiscais para todo o estado de São Paulo, o necessário seria no mínimo cerca de 30 auditores fiscais. O estado deveria ficar atento e tomar medidas mais efetivas para esse problema (TV RECORD,2017).

## 2.7 O DESASTRE DE RANA PLAZA

Considerado um dos piores acidentes industriais envolvendo a manufatura e o pior e mais fatal acidente envolvendo a indústria de vestuário, causando repercussão mundial, o desastre de Rana Plaza ocorreu em 24 de abril de 2013 as 08h45min no horário local em Savar, nos arredores de Dhaka, capital de Bangladesh, quando um edifício de oito andares que abrigava ao menos cinco fábricas de confecção, um banco, e lojas desabou com quatro mil pessoas trabalhando em seu interior, deixando 2.438 feridos e 1.132 mortos além de diversos desaparecidos. Foram necessários 21 dias para fazer a retirada dos escombros (PRAMANIK et al, 2015).

A maior parte da mão de obra nas fábricas de roupas de Bangladesh é composta por mulheres jovens solteiras entre 15 a 30 anos, vindas de áreas rurais do país, antes da popularização do *fast-fashion* e da indústria do vestuário não havia muitas opções de trabalho para essas mulheres senão o trabalho com agricultura. Apesar de tudo, o trabalho com confecção tem tornado muitas dessas mulheres independentes financeiramente; elas não possuem autoridade alguma no ambiente

de trabalho e existe muita desigualdade de gênero entre os funcionários. (AKHTER, 2014).

Muitas acabam sendo vítimas de abuso sexual e estupro sem a possibilidade de denunciar já que podem perder o emprego. Segundo engenheiros que analisaram o local, havia um excesso de máquinas e equipamentos pesados nos andares superiores, o que favoreceu o aparecimento de rachaduras pelas paredes, também foi constatado que o local não era apto para abrigar fábricas, pois era um edifício de uso comercial e não industrial. (MAHFUZ, 2013).

Antes mesmo do colapso do edifício já se podia notar rachaduras pelas paredes do prédio, os responsáveis pela administração do edifício foram alertados da situação nas quais problemas poderiam ocorrer, mas o trabalho de confecção continuou mesmo após os avisos. Alguns trabalhadores se recusaram a entrar no edifício, mas alguns, principalmente as mulheres, por pressão e medo de não receber o salário foram trabalhar no dia do desabamento. (MAHFUZ, 2013)

O Rana Plaza foi construído em 2008 para ser um prédio de 5 andares e produzia roupas para diversas grandes marcas ocidentais como GAP, Benetton, Walmart, Primark, Joe Fresh entre outras, cerca de 30 marcas. Dias após o colapso o proprietário do edifício foi preso e ocorreram inúmeros protestos na região por parte dos sobreviventes da tragédia e familiares das vítimas pedindo por melhores condições de trabalho e um salário digno. Novas medidas de segurança em estabelecimentos indústrias e comerciais no país provocou o fechamento de 18 fábricas de confecção no mês seguinte, porém ainda há muito que fazer e mudar pela segurança das condições de trabalho nas confecções do país (MAHFUZ, 2013).

O fantasma do Rana Plaza perturba até os dias de hoje os sobreviventes e familiares das vítimas dessa tragédia, entre alguns prejuízos: famílias sem renda, perdas familiares, algumas pessoas desenvolveram problemas de saúde crônicos e traumas psicológicos, outras perderem um ou mais de um membro do corpo e precisaram usar próteses, negligência e descaso perante essa situação, algumas marcas que fabricavam nesse local não se preocuparam com o caso e acabaram não efetuando o suporte digno que essas pessoas mereciam depois de tudo o que ocorreu, afirmando que não tinham relação alguma com as fabricas em Bangladesh, enquanto outras mandaram dinheiro e doações para ajudar. (HRW,2014).



O sobrevivente Alamgir Hussein de 27 anos, casado e pai de um filho, relatou que não consegue mais trabalhar devido ao impacto que sofreu naquele dia. Precisou abandonar o emprego em uma fábrica após sair do hospital já que entrava em pânico e gritava com medo toda vez que escutava barulho de alarme ou ambulância por perto. O Rana Plaza é uma prova consistente de como a fiscalização da produção de roupas por parte de grandes marcas ainda deixa a desejar, não sendo levado como algo de elevada importância para estas. (HRW,2014).

A Figura 15 mostra duas fotos do Rana Plaza, antes e depois do desabamento:

**Figura 15 - Rana Plaza antes e depois (2008-2013)**



**Fonte:** PRAMANIK et al ,2015

No Rana Plaza antes do colapso, além de condições de trabalho análogas à escravidão, havia crianças e jovens menores de idade, a jornada de trabalho era igual para todos, em média 16 horas diárias, não havendo tempo para descanso e até mesmo ir ao banheiro para ser possível atingir a meta de produção, castigos físicos eram comuns se algum erro fosse cometido. Depois do desabamento, que custou a vida de trabalhadores, roupas que seriam vendidas ao redor do mundo por um preço

espetacularmente barato podiam ser vistas empoeiradas no chão (THE TRUE COST, 2015).

No decorrer do referencial teórico desta pesquisa, foram apontadas as mudanças, impactos, e prejuízos no setor têxtil brasileiro. Principalmente após a abertura comercial da década de 90, quando o setor precisou tornar-se mais competitivo e interagir com o mercado externo. Além disso, ressaltou-se a sua importância para a economia nacional, como também as questões logísticas e tecnológicas, sendo estas estimulantes para o progresso e desenvolvimento desta indústria.

Porém, apesar de todos os pontos positivos que esse setor proporcionou e ainda proporciona à população de modo geral no Brasil e no mundo, pouco é discutido a respeito dos impactos que essa indústria tem sobre o meio-ambiente e em alguns casos com a mão-de-obra. Por conta disso, levou-se em consideração finalizar o referencial teórico desta pesquisa com os problemas ambientais causados pela indústria têxtil, principalmente nas águas e no ar, a superprodução e questões envolvendo a mão-de-obra.

### **3 METODOLOGIA**

Pode-se definir por método como um grupo de atividades e procedimentos diversificados com o objetivo de se obter respostas, provas e explicações a respeito do que está sendo estudado, sendo possível tanto buscar por novos conhecimentos como também para aperfeiçoar os já realizados, aproximando o pesquisador do que está sendo estudado. A partir de procedimentos metodológicos este conhecimento passa a deixar de ser apenas um conhecimento ordinário, já que este não possui provas e explicações concretas que comprovem a sua veracidade e passa a ser considerado científico. (PANEQUE, 1998)

Neste capítulo será abordada a metodologia aplicada a esta pesquisa de nível exploratório, o delineamento e a natureza da pesquisa que será qualitativa, bem

como sobre os participantes deste estudo e os métodos utilizados para a coleta de dados e informações.

### 3.1 MÉTODO E TIPO DE PESQUISA

Uma pesquisa pode ser realizada tanto de forma qualitativa quanto quantitativa. Enquanto a pesquisa qualitativa busca entender o tema de estudo em sua essência dentro de seu contexto, a pesquisa quantitativa possui um foco maior na quantificação das informações recebidas, priorizando dados numéricos, estatísticas e dados técnicos mais precisos. (OLIVEIRA, 2011).

Segundo a autora Godoy (1995), o estudo qualitativo deve ser analisado de uma forma integrada, compreendendo-se os diferentes pontos de vista das informações coletadas, já que a compreensão do objeto de estudo depende destas informações. Sendo assim, o presente estudo se tratará de uma pesquisa qualitativa a qual melhor se enquadra neste tipo de pesquisa realizado.

Será uma pesquisa realizada no nível exploratório, já que uma pesquisa exploratória permite uma melhor e mais aprofundada análise do tema estudado, além de se compreender questões pouco discutidas em relação ao assunto. Uma pesquisa exploratória permite que o pesquisador se familiarize e compreenda melhor a realidade do que quer estudar, sendo assim torna-se favorável a criação de novas hipóteses e uma visão mais generalizada dos fatos (OLIVEIRA, 2011).

O estudo qualitativo básico é amplamente utilizado em pesquisas de nível exploratório, possui características do estudo qualitativo, procurando conhecer o fenômeno estudado o mais dentro possível de sua natureza e de seu meio, buscando compreendê-lo de maneira generalizada. (GODOY, 2005).

Em relação a estratégias de pesquisa, a pesquisa bibliográfica ou levantamento bibliográfico consiste na pesquisa realizada a partir de pesquisas e estudos já elaborados anteriormente para dar início a novas pesquisas e criar novas hipóteses a respeito do tema estudado, servindo como uma base para um maior aprimoramento do tema já existente, nas quais o pesquisador pode ter acesso através de artigos científicos, jornais, livros, sites da internet, etc. (OLIVEIRA, 2011).

A pesquisa documental se propõe a analisar e interpretar dados e informações contidos em documentos que possam fornecer informações e um

conteúdo relevante para o que se está pesquisando. Estes documentos podem ser em forma escrita ou não, podemos considerar documentos os relatórios, certidões, cartas, diários, jornais, fotografias, filmagens, etc. Isso permite com que o pesquisador consiga ter contado com realidades e situações distantes de sua localização geográfica e/ou temporal, podemos ter como exemplo o estudo de algum evento histórico ou um fenômeno de repercussão internacional (GODOY,1995).

Neste caso trata-se uma pesquisa bibliográfica, analisando-se o que já foi publicado a respeito da indústria têxtil brasileira: seu histórico no Brasil e nas principais regiões produtoras do país, suas características, seus problemas internos e externos, sua relação com o comércio internacional, a questão da globalização e logística, e problemas associados a esta indústria de maneira geral, com destaque para questões de meio ambiente, superprodução e mão-de-obra, consultando-se majoritariamente artigos científicos, monografias, teses, livros e sites da internet em português, inglês e espanhol, produzidos principalmente por autores que possuem familiaridade com esta área ou que estavam à procura de maiores informações a respeito deste tema e deste ramo da indústria, como no caso deste trabalho, além de sites direcionados para profissionais dessa área.

Nos capítulos nos quais se abordou a regionalização do setor no país, por serem informações mais específicas e próprias da região, o conteúdo do material analisado possuía um enfoque mais limitado, abordando também do contexto histórico até a situação na atualidade e demais dados relacionados ao setor daquela região em específico. Nos capítulos onde o enfoque foi a globalização, logística e problemas desta indústria merece ser destacado o artigo publicado em língua inglesa de Gereffi, (1999) que aborda todas estas questões de logística, globalização e cadeia de suprimentos de forma clara e compreensível para esta pesquisa.

O artigo publicado no site *Sharecloth* por Olena Rudenko em 2018 aborda a questão do impacto causado pela superprodução de roupas e pelo consumismo desenfreado, mencionando também o problema do *deadstock* ou estoque morto, causado por peças de roupas que acabam não sendo vendidas e, em muitos casos, são incineradas sem nunca terem sido utilizadas e, ainda, menciona os impactos ambientais que este tipo de comportamento causa.

Já os artigos de Sakamoto et al (2019) e Toniollo et al (2015) concentram-se majoritariamente na questão da sustentabilidade e nos impactos ambientais, como

a poluição da água, do ar e dos solos, e de que não são somente as roupas, mas todo o processo de produção têxtil em geral, iniciando se com cultivo do algodão acaba por contribuir de uma forma ou outra para a degradação do meio ambiente.

Esta pesquisa também tem caráter de pesquisa documental, já que este meio de análise por meio de relatórios, documentários e imagens favoreceu um maior enriquecimento e um melhor entendimento dos problemas a serem estudados nesta pesquisa com informações mais específicas para determinadas partes da pesquisa presentes neste trabalho. Podendo se destacar o documentário *The True Cost* que aborda a questão ambiental e de mão de obra, mencionando o pior acidente industrial envolvendo o setor têxtil, o desastre de Rana Plaza ocorrido em Bangladesh em 2013.

E a reportagem do Domingo Espetacular pela TV Record apresentando a questão dos imigrantes bolivianos que entram na maioria das vezes ilegalmente no Brasil para trabalhar em confecções clandestinas em São Paulo em condições análogas à escravidão, algo que pode ser assemelhado ao o que ocorre em Bangladesh como é apresentado no documentário *The True Cost*, citado anteriormente.

Os relatórios produzidos pela ABIT, BNDES e Bradesco, com gráficos, dados e informações detalhadas referentes ao desempenho deste setor no mercado interno e externo, importadores e países que exportam material têxtil para o Brasil e algumas comparações e dados estimativos, sendo estas informações representadas em caráter nacional e regional, com ênfase nas três principais regiões produtoras, o polo têxtil de Americana, polo têxtil do Vale do Itajaí e polo têxtil do Ceará.

#### Quadro 01 - Delineamento do Estudo

Delineamento		Estratégia	Participantes	Processo de Coleta	Processo de Análise
Natureza	Nível				

Qualitativa	Exploratório	Pesquisa Bibliográfica Pesquisa Documental Estudo Qualitativo Básico	Empresas importadoras e exportadoras do setor têxtil e vestuário, sindicatos, entidades e organizações da área têxtil	Dados secundários, artigos, publicações, entrevistas por correio eletrônico e/ou contato telefônico com questões abertas para os participantes	Análise do conteúdo coletado
-------------	--------------	--	---	--	------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

### 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Para melhor atender os objetivos deste trabalho e obter respostas claras, foram selecionadas cinco empresas da área têxtil de diversos segmentos deste setor, todas brasileiras, com exceção de uma estrangeira com unidade no Brasil, e que exercem atividades de importação e/ou exportação. Sendo uma com sede no Ceará e com unidades em outros estados, uma localizada no estado do Rio de Janeiro, duas no estado de São Paulo e uma no estado de Santa Catarina.

O quadro 3 apresenta uma relação das empresas entrevistadas durante a pesquisa e por questões de ética e sigilo serão representadas por letras do alfabeto como é apresentado a seguir:

Quadro 02 – Relação dos participantes da pesquisa

EMPRESA	Segmento predominante	Ano de fundação	Porte	Mercados de atuação
<b>A</b>	<i>Jeans/denim</i>	1963 (56 anos)	Grande	Brasil, América do Sul e EUA
<b>B</b>	Seda e tecidos planos	1904(115 anos)	Médio	Brasil, América do Sul, França, Itália e Espanha, EUA.
<b>C</b>	Linha lar; cama, mesa e banho	1964(55 anos)	Grande	Brasil e América Latina
<b>D</b>	Tecidos Planos	1977(42 anos)	Médio	Brasil e América do Sul

<b>E</b>	Tecidos técnicos e de uso industrial	1895(124 anos)	Grande	Brasil, América do Sul, América do Norte, África do Sul, China, Japão, França, Itália, Suécia, Inglaterra, Austrália, Indonésia, Coréia do Sul.
----------	--------------------------------------	----------------	--------	---

**Fonte:** Elaborado pela autora

Os participantes foram selecionados a partir de uma amostra não probabilística intencional e segregados por porte, ano de fundação, segmento e mercados de atuação como apresentado no quadro 3. Pode-se perceber e analisar na bibliografia utilizada que grande parte das indústrias brasileiras do setor têxtil que trabalham com o mercado externo são de médio a grande porte, sendo que estas são ainda minoria num mercado aonde predominam microempresas como é apresentado na figura 1 no início do referencial teórico.

Todas as empresas contatadas possuem uma área na qual se destacam dentro do setor têxtil: a empresa A tem como foco a produção de *Jeans/denim*, foi fundada na década de 60, e atualmente é uma empresa de grande porte, com uma fábrica nos EUA e outra na Argentina que, junto com as unidades no Brasil, acabam por suprir parte significativa do mercado de *denim* dentro das Américas do Norte e principalmente do Sul.

A empresa B é centenária, de médio porte, mas já tradicional e com atuação experiente no mercado, além de ser mais internacionalizada. Destaca-se na produção de tecidos em seda e tecidos planos de qualidade para a confecção e produção de roupas, vendendo para marcas de vestuário nacionais e internacionais, de países como França, Espanha e Itália, estando presente também no mercado estadunidense e latino americano.

A empresa C possui como seu maior destaque colchas e cobertores, fornecendo seus produtos para diversos países dentro da América Latina, fundada na década de 60 como a empresa A e também de grande porte, possuindo grande popularidade no mercado nacional de cobertores.

A empresa D, assim como a B, é de médio porte e trabalha na produção de tecidos planos, produz tecidos principalmente para confecções, roupas de trabalho e tecidos para artigos do ramo de móveis e decoração como sofás e poltronas, possuindo as linhas *fashion*, decoração, profissional e saúde. É a empresa mais jovem dentre as pesquisadas, sendo fundada no final da década de 70 e, assim como a empresa C, tem como principais mercados no exterior os países da América Latina, fazendo também importação de alguns produtos para revenda.

A empresa E é a mais velha dentre as participantes, fundada em 1895 e estrangeira. Produz tecidos técnicos e de uso industrial para máquinas que processam papel e celulose, dentre outros tipos. De grande porte e possui unidades e representantes na Oceania, África, Ásia Europa e Américas, sendo seu produto de um ramo do setor têxtil pouco conhecido pela maioria das pessoas, já que diferente dos tecidos planos e *denim*, não é um tipo de têxtil presente no dia a dia.

### 3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Foram realizados contatos prévios com essas empresas por telefone, buscando identificar o responsável pela área do comércio exterior da empresa. Após concordarem em participar da pesquisa, estes receberam um questionário, contendo oito (08) questões por e-mail, com perguntas referentes ao tema estudado e suas problemáticas, para assim, serem respondidas de acordo com o ponto de vista de cada participante em relação ao assunto em questão. As questões foram desenvolvidas a partir do embasamento teórico deste estudo, focando-se em responder à pergunta central desta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada durante o mês de setembro de 2019 entre os dias 12 a 25, e o questionário foi respondido pelo diretor comercial da empresa A, pelo gerente comercial da empresa B, pela empresa C o questionário foi respondido pelo analista de importação, e pelo consultor de processos da empresa D, enquanto na empresa E quem respondeu foi o supervisor de logística, que retornaram o questionário respondido.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), um questionário pode assim ser definido quando é efetuada uma ordem de perguntas pelo pesquisador e que deverão



ser respondidas por escrito pelos participantes da pesquisa, que após responderem o questionário deverão retorna-lo ao pesquisador. É uma ferramenta de coleta de dados versátil, aonde é possível conseguir um maior alcance na obtenção de dados e informações, porém possui suas desvantagens como falta de compreensão em alguns pontos do questionário por parte de alguns participantes, devolução fora do prazo e baixa frequência de questionários que retornam respondidos ou completos (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Esta pesquisa foi realizada de forma padronizada já que se trata de um questionário com questões previamente elaboradas e participantes anteriormente escolhidos para a entrevista. Na entrevista padronizada é possível comparar respostas de diversos participantes para uma mesma pergunta, podendo-se compreender semelhanças e diferenças de variados pontos de vista para uma mesma questão ou problema (MARCONI; LAKATOS, 2003).

### 3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

A partir da análise de dados se pode comparar e/ou diferenciar os dados encontrados na pesquisa, confirmando-se ou rejeitando-se as hipóteses criadas. Enquanto na interpretação de dados existe a possibilidade de se relacionar estes dados com elementos e conhecimentos presentes no referencial teórico (PRODANOV; DE FREITAS, 2013).

Para a análise e interpretação de dados, foi efetuado um questionário, para assim ser possível seu envio via e-mail para as empresas. O conteúdo foi categorizado de acordo com as questões e as respostas obtidas.

Segundo Vergara (2010), a análise de conteúdo busca identificar a essência do que a pesquisa quer informar em relação a determinado assunto. Neste caso, será feita uma análise de conteúdo e os dados serão analisados através das seguintes categorias: (1) Desafios que o setor têxtil enfrenta atualmente, (2) Dificuldades e barreiras na exportação, (3) dificuldades e barreiras na importação, (4) Competição e concorrência do setor, (5) Problemas específicos do setor no Brasil, (6) Aumento da participação do Brasil no comércio têxtil internacional, (7) Atuação no comércio internacional/ desafios e oportunidades, (8) Prejuízos causados pelas importações.

Os dados foram classificados de acordo com os conhecimentos fornecidos pelos entrevistados a respeito da relação da indústria têxtil brasileira com o comércio exterior.

#### **4 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Este capítulo será caracterizado pela apresentação e análise de dados obtidos a partir de entrevistas realizadas com as empresas participantes de acordo com o questionário auto administrado. A apresentação dos dados foi distribuída em oito quadros individuais para cada pergunta e contendo as respostas das cinco empresas entrevistadas.

**Quadro 03 - Desafios que o setor têxtil brasileiro enfrenta atualmente**

<b>Empresa</b>	<b>Desafios que o setor têxtil brasileiro enfrenta atualmente</b>
<b>Empresa A</b>	Concorrência internacional, preços e/ou produtos diferenciados, falta de acordos comerciais com outros países
<b>Empresa B</b>	Questões de preços e logística, alta carga tributária
<b>Empresa C</b>	Mão-de-obra cara em comparação com mercados concorrentes, falta de incentivos por parte do governo e excesso de impostos
<b>Empresa D</b>	Falta de investimentos em tecnologia, preços e/ou produtos diferenciados, concorrência asiática.
<b>Empresa E</b>	Questões logísticas.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

Conforme apresenta o quadro 3, referente aos desafios que o setor têxtil brasileiro enfrenta atualmente, as cinco (05) empresas relatam diversos empecilhos prejudiciais ao setor citados anteriormente ao longo do referencial teórico, como a falta de investimentos em tecnologia, a concorrência internacional, as questões logísticas e as questões relacionadas aos incentivos e tributos. Problemas nos quais afetam o setor de uma forma interligada, podendo prejudicar todos os pontos da cadeia produtiva de uma empresa, já que sem incentivos e investimentos no setor, torna-se ainda mais difícil para as empresas nacionais tornarem-se mais competitivas e internacionalizadas.

A empresa B possui pontos em comum com as outras quatro pesquisadas, que são os aspectos de logísticas, preços e tributos mas não foi citada a questão da concorrência como aparece nas empresas A, C e D, fundadas entre as décadas de 60 e 70, que presenciaram e superaram crise econômica da década de 80, a inflação, o Plano Real e a reestruturação do setor nos anos 90, aonde houve a falência em massa de empresas com a mesma atividade conforme afirma a autoria de

Kon,Coan(2005) ao afirmar que a falta de investimentos que ocorreu na década de 80 foi responsável por diversos dos problemas que o setor têxtil teve de enfrentar durante a década de 90, no período de sua reestruturação e, com o tempo, foram parcialmente resolvidos, estando assim presentes como desafios a serem enfrentados pelas empresas entrevistadas ainda atualmente.

A empresa B com mais de 100 anos de existência e brasileira, apesar de ser considerada de porte médio compartilha a questão logística com a empresa E, também centenária, porém estrangeira e no Brasil há mais de 40 anos abastecendo também outros países da América do Sul, e possuindo atuação em diversos países.

A empresa E não relatou problemas com concorrência, impostos, tributos e investimentos. Enquanto a B e a C queixam-se da questão dos impostos e tributos como um prejuízo para as suas atividades e que conforme KON,coan (2005) afetam a balança comercial dos produtos têxteis desde o início da abertura comercial, tornando-a mais desfavorável para competir no mercado externo.

As empresas A e D compartilham a questão da concorrência que de acordo com Melo et al (2007) está muito associada a diferenciação e inovação dos produtos oferecidos pela empresa em um espaço de tempo cada vez mais curto, para isso será necessário que se efetuem pesquisas e investimentos em novos maquinários e infraestrutura, e se necessário, modificar a gestão estratégica da empresa para se enquadrar aos moldes do mercado atual.

A questão dos preços é um desafio para as empresas A, B, e D, pois como disse anteriormente o autor Melo et al (2007), é necessário investimentos e boas estratégias de mercado para se conseguir um preço diferenciável e atrativo para grande parte do mercado consumidor, que nem sempre é possível com os instrumentos que se tem em alcance, sendo necessário investimentos e um bom planejamento de mercado.

**Quadro 04 - Dificuldades e barreiras na exportação**

Empresa	Dificuldades e barreiras na exportação
---------	--

<b>Empresa A</b>	Dificuldade em encontrar profissionais capacitados em atuar como representantes pela empresa no exterior e concorrência asiática no segmento têxtil
<b>Empresa B</b>	Preço final e questões de logística
<b>Empresa C</b>	Competição com a China e falta de incentivos fiscais
<b>Empresa D</b>	Falta de planejamento e investimento com tecnologias no passado prejudicou o setor em ser competitivo no cenário atual
<b>Empresa E</b>	Questões de transporte com carga LCL para determinados destinos

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

Percebe-se uma similaridade em relação às respostas da categoria anterior, demonstrando que os desafios atuais do setor são basicamente os mesmos apontados como barreiras à exportação. A empresa A afirmou que a concorrência é um obstáculo para exportação, como respondeu na categoria anterior em relação aos desafios do setor, juntamente com a dificuldade de se encontrar profissionais qualificados, elemento mencionado pela empresa C na categoria anterior.

A empresa B novamente afirma as questões de preço e logística como obstáculos para a exportação, compartilhando novamente a logística com a empresa E. A empresa C aponta a falta de incentivos como um obstáculo para as exportações bem como um desafio a ser enfrentado pelo setor e compartilha a questão da concorrência com a empresa A.

A empresa D está localizada no Polo de Americana, região na qual foi intensamente prejudicada pela abertura comercial dos anos 90, aponta a falta de investimento e inovação em novas tecnologias como o principal obstáculo para a internacionalização do setor têxtil nacional, impedindo-o de se tornar competitivo.

#### Quadro 05 - Dificuldades e barreiras na importação

<b>Empresa</b>	<b>Dificuldades e barreiras na importação</b>
<b>Empresa A</b>	Altos impostos sobre produtos importados, flutuação cambial, incertezas políticas, falta de políticas externas como acordos bilaterais
<b>Empresa B</b>	Sonegação e contrabando
<b>Empresa C</b>	Custo trabalhista alto, falta de incentivos, impostos altos
<b>Empresa D</b>	Alta carga tributária e <i>lead time</i> de entrega alto
<b>Empresa E</b>	Custos com armazenagem elevados, transporte interno alto.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

A empresa A reforça o problema da falta de acordos e de uma política externa mencionado anteriormente no quadro 4, como uma dificuldade significativa para a importação e para as atividades comerciais em geral, além de compartilhar com a empresa C a ideia de que os impostos elevados são uma barreira para as empresas atuantes no mercado externo, tanto de importação quanto de exportação, já que a empresa C menciona a questão dos altos impostos e tributos também nas categorias anteriores como um obstáculo.

A empresa B afirma que a sonegação e o contrabando são uma barreira para a importação. A empresa C aponta que são questões relacionadas a incentivo e tributos assim como a empresa D, que adiciona a questão do tempo para se receber que em muitos casos é um tempo elevado, a empresa E afirma algo diferenciado perante as outras, que são os elevados preços com transporte interno e armazenagem.

A empresa E produz tecidos técnicos, pouco comuns no dia a dia, já que é um tipo de tecido utilizado por máquinas que processam papel e celulose, é um ramo atípico do setor têxtil, produzindo tecidos técnicos para mercados têxteis e indústria da celulose.

**Quadro 06 - Competição e concorrência no setor**

<b>Empresa</b>	<b>Competição e concorrência no setor</b>
<b>Empresa A</b>	Concorrência desleal por parte dos produtos de baixo valor agregado com os de médio e alto valor.
<b>Empresa B</b>	Desleal, principalmente por parte dos países asiáticos
<b>Empresa C</b>	Competição desleal, principalmente com a China
<b>Empresa D</b>	Existe devido a falta de planejamento e a pouca importância dada a força deste setor na economia brasileira, tornando-o pouco competitivo
<b>Empresa E</b>	Não chega a preocupar, já que é um tipo de produto que possui poucos concorrentes

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

Com exceção da empresa E que afirma não ter problemas com concorrência por causa de seu tipo de produto, no qual possui poucos concorrentes, todas as outras (A, B, C e D) consideram a concorrência dentro do setor têxtil desleal, mas sob diferentes pontos de vista.

As empresas B e C compartilham da mesma ideia em relação a alta competitividade dos países asiáticos como obstáculos, e injusta dentro do âmbito comercial, na qual também podemos incluir a empresa A, já que esta mencionou a questão dos preços, uma estratégia comercial amplamente utilizada pelos países do oriente para conquistar mercados pelo mundo.

A empresa D acredita que o setor é desvalorizado dentro da economia nacional não recebendo o devido reconhecimento e, por consequência disso, o setor acabou se tornando pouco competitivo e fragilizado. A empresa D também ressaltou a perda da competitividade como resultado da falta de planejamento e investimentos em tecnologia e infraestrutura para o setor, que são consequências da pouca importância dada a este setor no país.

A empresa A abordou mais centrada para a questão de preços, afirmando ser desleal a concorrência dos produtos de baixo valor agregado com os produtos de médio e alto valor agregado tanto com o comércio interno quanto com o externo, na qual podemos entender como uma estratégia usada para conquistar fatias de mercado cada vez maiores.

**Quadro 07 - Problemas específicos do setor no Brasil**

<b>Empresa</b>	<b>Problemas específicos do setor no Brasil</b>
<b>Empresa A</b>	Maiores problemas relacionados á gestão estratégica e conhecimentos de mercado. Mão-de-obra não inserida como uma problemática, já que a empresa busca realizar capacitações e treinamentos para seus colaboradores exercerem suas tarefas.
<b>Empresa B</b>	Há problemas relacionados a mão-de-obra e falta de incentivos para a modernização das indústrias do setor
<b>Empresa C</b>	Custo da mão-de-obra e falta de mão-de-obra especializada, excesso de impostos.
<b>Empresa D</b>	Falta de preparo da mão-de-obra, falta de investimentos em tecnologia ligada a falta de planejamento do setor.
<b>Empresa E</b>	Não há problemas no quesito mão-de-obra e outros aspectos já que são produtos direcionados à indústria do papel e celulose.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

Ao se tratar de problemas específicos do Brasil, a empresa A afirma não enxergar a questão da mão-de-obra como uma problemática já que esta diz proporcionar treinamento e capacitação para seus funcionários e colaboradores,

porém acredita que os maiores problemas estejam relacionados com questões administrativas, estratégicas e conhecimentos de mercado.

Para a empresa B os principais problemas da indústria têxtil em particular a do Brasil são as questões relacionadas a mão de obra e a falta de incentivos, principalmente para a modernização do setor. A empresa C assim como a B enxerga a questão da mão de obra como uma problemática, principalmente quando trata-se do custo e qualificação desta além de adicionar o excesso de impostos como afirmou em categorias anteriores.

A empresa D, assim como as empresas B e C também afirmou a questão da qualificação como uma problemática específica do setor têxtil brasileiro, tendo em comum com a empresa B o problema da falta de investimentos em tecnologia e também a falta de planejamento como consequência da anterior. A empresa E diz não haver problemas com mão de obra, já que produz tecidos de destinados a indústrias, principalmente de papel e celulose.

**Quadro 08 - Aumento da participação do Brasil no comércio internacional**

<b>Empresa</b>	<b>Aumento da participação do Brasil no comércio internacional</b>
<b>Empresa A</b>	Melhor política externa com acordos bilaterais, melhor qualificação da mão de obra, melhorias dos produtos a serem exportados, adequação dos produtos a normas internacionais, estudar perfis de clientes, consumidores e mercados.
<b>Empresa B</b>	Governo desonerar ainda mais a exportação, divulgar e facilitar a presença de empresas brasileira em feiras e eventos internacionais, incrementar o trabalho da Abit com a APEX.
<b>Empresa C</b>	Aumentar os incentivos fiscais
<b>Empresa D</b>	Verificar os melhores nichos do mercado internacional para atuar, fazer plano de trabalho de médio/longo prazo
<b>Empresa E</b>	Taxa cambial e menos burocracia.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

Ao se tratar de meios de como o Brasil poderia aumentar sua presença no comércio internacional, seguindo a perspectiva de 5 empresas do setor têxtil, a empresa A afirma que deve haver melhorias na política externa com acordos bilaterais, como a empresa C na categoria anterior, a qualificação da mão de obra é



um problema interno frequente no setor, que inclusive é um obstáculo para a internacionalização das empresas.

A empresa A compartilha com a D a questão do planejamento e estudo de mercado, dando relevância para os nichos mais favoráveis e para os produtos que serão comercializados, sendo uma ferramenta estratégica para aumentar a competitividade e conseguir conquistar outros mercados além das fronteiras. A empresa B sustenta o argumento de que o governo deveria desonerar ainda mais a exportação, foi a única empresa que abordou a questão de se participar em feiras e eventos, sendo uma medida favorável para o que está sendo perguntado, e também de se incrementar a parceria da ABIT com a Apex, conhecida como TEXBRASIL.

A empresa C aborda a falta de incentivos fiscais, já que se acredita que o setor é desvalorizado dentro da economia brasileira, pois pouco é investido no setor. A empresa D preocupa-se e acredita mais na questão do planejamento, estudo de mercados e investimentos com tecnologia.

**Quadro 09 - Atuação no comércio internacional/ desafios e oportunidades**

<b>Empresa</b>	<b>Atuação no comércio internacional/ desafios e oportunidades</b>
<b>Empresa A</b>	Exportação, oportunidade de uma maior abertura de mercado, um canal de venda para a produção nacional, não ficar a mercê somente do mercado interno, desafio de adequar produtos ao mercado externo e lidar com a concorrência desleal dos países asiáticos.
<b>Empresa B</b>	Exportação e importação, citados nas questões anteriores.
<b>Empresa C</b>	Exportação e importação, atual crise econômica Argentina ocasionou prejuízos. Oportunidade: trabalhar com o produto acabado no mercado internacional
<b>Empresa D</b>	Produção nacional, exportação e importação de produtos básicos para revenda. Sujeitar-se a vender produtos com resultado irrisório ou com prejuízo no mercado interno.
<b>Empresa E</b>	Exportação e importação

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

A pergunta representada no quadro 10, referente à atuação no comércio internacional e os desafios e oportunidades, foi questionada para cada uma das empresas entrevistadas, sendo assim obteve-se respostas mais exclusivas de cada

uma das entrevistadas. A empresa A é majoritariamente exportadora, enquanto as outras as empresas B, C, D e E atuam tanto na importação quanto na exportação.

A empresa A almeja a oportunidade de ter uma maior abertura de mercado com mais acordos bilaterais e incentivos, um canal de venda para a produção nacional e não ficar à mercê somente do mercado interno, pensando na ideia de expandir seu produto e seu nome para Brasil afora.

Afirmando que os seus principais desafios que, em muitos casos, são os mesmos da maioria das empresas exportadoras nacionais, atualmente é adaptar e adequar o produto ao mercado externo, com diferentes níveis de exigências e especificações de acordo com o país e continente, sem deixar de falar da concorrência desleal dos países asiáticos que desde a década de 90 vem perturbando o setor têxtil brasileiro.

A empresa B mencionou que seus desafios e oportunidades estão nas categorias anteriores, sendo assim, esta mencionou diversas questões relacionadas a desafios e oportunidades como a questão da concorrência desleal, preço, questões logísticas, sonegação e contrabando, bem como a falta de incentivos com a tecnologia que já foi mencionado anteriormente e que é algo extremamente importante para que as empresas se mantenham competitivas.

A empresa B almeja, como oportunidade, que haja uma melhor organização nos processos de exportação e logística das empresas do setor no Brasil, esta empresa ainda acredita que deveria haver uma maior divulgação da indústria têxtil brasileira em feiras e eventos no exterior para assim ser possível popularizar o têxtil brasileiro no mundo, e também que houvesse uma maior incrementação do trabalho entre a ABIT e a APEX, o chamado TEXBRASIL (Programa de Internacionalização da Indústria Têxtil e de Moda Brasileira).

A empresa C acredita ter como oportunidade seus produtos acabados sendo comercializados no exterior, porém a atual Crise da Argentina causou prejuízos às vendas e negociações prejudicando as exportações, já que o Brasil é o principal fornecedor de têxteis para a Argentina. A empresa D não mencionou as oportunidades, mas sim os desafios, como por exemplo em períodos de baixa econômica, ter que se sujeitar a vender produtos sem lucratividade, gerando prejuízos para o setor.

A empresa E não se manifestou a respeito de nenhum tipo de oportunidade e de desafio, somente afirmando trabalhar com exportação e importação, deixando vago a questão a que se refere a sua relação com os desafios e oportunidades presentes no setor.

**Quadro 10 - Prejuízos causados com as importações**

<b>Empresa</b>	<b>Prejuízos causados com as importações</b>
<b>Empresa A</b>	Não afetam o desempenho da empresa, já que o segmento mais afetado é o de roupas/vestuário
<b>Empresa B</b>	Concorrência desleal e contrabando acabam prejudicando toda a cadeia têxtil.
<b>Empresa C</b>	Afetam muito, 85% do faturamento é importado ou tem matéria prima importada
<b>Empresa D</b>	Não foi possível obter uma resposta
<b>Empresa E</b>	Não afetam, produtos produzidos de acordo com especificações técnicas, não são produzidos em série ou por estação.

**Fonte:** Elaborado pela autora (2019).

As empresas A e E possuem em comum a opinião de que as importações não prejudicam o desempenho da empresa, sendo que a empresa A produz apenas o tecido *denim* e aponta que o segmento mais afetado pelas importações é o de vestuário, já a empresa E que produz tecidos técnicos e industriais afirmou não haver problemas com a importação já que seus produtos seguem especificações técnicas, não sendo produzidos em série ou por estação,

As empresas B e C relataram efeitos negativos das importações no desenvolvimento de suas atividades, enquanto a empresa B salientou a questão do contrabando, da pirataria, da sonegação fiscal e da concorrência desleal dos importados que afetam toda a cadeia têxtil, colocando em prejuízo não só os fornecedores e os fabricantes mas também os revendedores, já a empresa C destacou que afeta muito, mas não justificou a maneira de como isso afeta seu desempenho, somente afirmando que 85% de seu faturamento é importado ou possui matéria prima importada.

A empresa D não se manifestou diretamente de como as importações afetam o desempenho da mesma porém em questões anteriores, afirmou que efetua

comercialização de produtos importados e de que importa produtos para a fabricação de suas mercadorias.

#### 4.1 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das informações obtidas no capítulo anterior denominado apresentação e análise de dados, se iniciará neste presente capítulo a discussão dos resultados obtidos na análise, fortalecidos pelo embasamento teórico presente no capítulo referencial teórico. Foram cinco (05) empresas com dados divididos em oito (08) quadros individuais.

De maneira generalizada, os principais e mais relevantes obstáculos citados pelas empresas na questão da internacionalização, representados por números, foram as questões relacionadas a : (1) concorrência internacional, principalmente a asiática; (2) questões relacionadas a preços;(3) questões relacionadas a logística; (4) questão a respeito dos impostos e tributos; (5) falta de incentivos e falta de investimentos, principalmente em tecnologia; (6) pouca valorização do setor dentro da economia nacional e a (7) questão da mão-de-obra.

(1): No que se refere a questão do desempenho do Brasil em relação a concorrência internacional, BIRCHAL (2002) acredita que o protecionismo da indústria nacional ocorrido entre as décadas de 50 e 60 prejudicou a competitividade da indústria brasileira em todos os setores da economia, tendo iniciado seu processo de abertura comercial e internacionalização apenas na década de 90. Sendo assim as afirmações anteriores encontram-se em consonância com as afirmações expostas pela autoria de KON, COAN,2005 ao afirmar que a indústria têxtil nacional estava despreparada para a abertura comercial da década de 90, fragilizada e tecnologicamente defasada, fazendo o setor perder competitividade para os países asiáticos, que já estavam anos à frente do Brasil no quesito de competitividade e comércio internacional.

Levando em consideração o fato de estar despreparado para uma abertura comercial este argumento encontra respaldo nas afirmações de SARAIVA, (2005) ao afirmar que o setor têxtil obrigou-se a reestruturar-se para esta abertura comercial, mas de forma heterogênea, ao complementar com a informação de que a maioria das empresas que se adaptaram a essa reestruturação eram de grande porte e mais

flexíveis a mudanças indo de acordo com SARAIVA, (2005). A China por exemplo, possui há muitos anos uma atitude comercial extremamente competitiva, produzindo em grandes quantidades e de forma padronizada com uma cadeia de produção moderna e integrada (COSTA,2009).

(2): Ao se tratar de questões envolvendo precificação, a transição da produção têxtil de países desenvolvidos para países periféricos, principalmente da Ásia favoreceu um maior crescimento da produção têxtil com preços mais baixos devido a mão-de-obra barata e poucas formalidades para a instalação das fábricas, sendo possível a obtenção de preços mais competitivos e maior lucratividade para as empresas de vestuário e têxteis do ocidente como argumenta GEREFFI,1999.

A partir do que se encontra consonância com as afirmações de GEREFFI, 1999, as empresas do setor têxtil passaram a modificar a gestão estratégica e os processos de produção nos quais costumavam a utilizar, buscando aperfeiçoar a qualidade de seus produtos e reduzindo os custos de produção, sendo questões dependentes do nível de flexibilidade da empresa para serem alcançados assim afirma SARAIVA, (2005).

(3): Um elemento importante que deve ser levado em maior consideração pelas indústrias na atualidade, sendo de significativa importância para a indústria têxtil e de vestuário é a questão da logística de seus produtos, que segundo MELO et. al, (2007) a indústria têxtil é uma indústria que valoriza a eficiência e a agilidade de sua produção para atender os consumidores da maneira mais breve possível, porém os investimentos ocorridos durante a década de 90 foram mais direcionados para o mercado interno, sendo assim, não foi possível alcançar todas as metas desejadas pelo setor, deixando muitas empresas na situação de informalidade, defasadas tecnologicamente e incapacitadas de participar do comércio internacional.

(4): Em relação às informações obtidas a respeito das questões tributárias, a ABIT afirma em sua publicação que os principais problemas que prejudicam o setor ainda no âmbito nacional e posteriormente para o internacional são a alta carga tributária e excesso de impostos, além de mencionar a respeito da precariedade dos portos e rodovias, que prejudicam a dinâmica logística do setor ABIT (2015), tais informações encontram respaldo nas respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa ao longo do questionário.

(5): A respeito das questões referentes à incentivos e investimentos, podemos analisar duas realidades distintas dentro do setor, primeiramente podemos citar como exemplo o polo têxtil de Americana para dimensionar o quanto a falta de incentivos e investimentos em tecnologia prejudicaram este setor, sendo este o polo têxtil que mais sofreu com a abertura comercial da década de 90, estando a defasagem tecnológica e a competitividade interligadas para garantir uma melhor competitividade desta indústria conforme afirma EMERY,(2007) e que se assemelha aos argumentos fornecidos por KELLER, (2004).

Por outro lado, o polo têxtil do Ceará recebeu auxílio da SUDENE criada com o objetivo de facilitar o processo de industrialização da região nordeste através de incentivos fiscais. Graças a estes incentivos e a intervenção estatal, o setor têxtil do Ceará conseguiu sobreviver às dificuldades que estavam prejudicando o setor em todo o país como afirmam as autorias de SINDITEXCE, (2002) e MUNIZ, (2016).

(6): Pode se relacionar a pouca valorização do setor com a falta de incentivos e investimentos, já que ambas estão interligadas, as empresas C e D abordam em suas respostas de maneira mais ampla a questão de que o setor não é valorizado o suficiente dentro da economia nacional, por isso apresenta prejuízos ao se internacionalizar, tendo em vista que a empresa D dá uma maior relevância a falta de investimentos com tecnologia e planejamento.

(7): A respeito da questão da mão de obra, a ABIT afirma que o setor têxtil é o setor que mais gera empregos, aonde 70% dos empregados são mulheres que graças ao emprego conseguem garantir o sustento próprio e de duas famílias ABIT (2015). A partir dos estudos de COUTINHO, (2011), a necessidade de aumentar o potencial competitivo do setor fez com que muitas empresas passassem a adotar medidas como a terceirização e a subcontratação da produção, aumentando as informalidades e aumento de uma mão de obra desqualificada, muitas vezes para obter um custo de produção menor.

Em suma, para o encerramento deste capítulo, foi possível relacionar o embasamento teórico com os principais problemas apontados pelas empresas entrevistadas, comprovando a veracidade dos argumentos coletados durante a pesquisa bibliográfica e as entrevistas como uma realidade presente dentro do setor têxtil brasileiro, porém os problemas mencionados dependem de outros fatores para

serem resolvidos como por exemplo a colaboração do governo e a situação econômica do país.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesar de ser um setor de relevância significativa para a economia nacional, a indústria têxtil brasileira vem passando desde a década de 90 por dificuldades em competir com a concorrência asiática no mercado externo, o que fez com que grande parte da produção do país fosse direcionada para suprir o mercado interno, mesmo havendo o potencial de uma maior participação no mercado externo.

Diante das questões mencionadas anteriormente, este estudo teve como objetivo identificar os diversos problemas relacionados com a internacionalização da indústria têxtil do Brasil, apresentando os principais problemas associados aos processos de importação e exportação, além das demais barreiras que o setor enfrenta de maneira geral, tanto internamente quanto externamente, para isso foi realizada uma entrevista a partir de um questionário auto administrado para cinco (05) empresas de diferentes segmentos dentro do setor têxtil.

Após a coleta das informações foi possível discutir os resultados e relacionar estes com a literatura estudada e apresentada no referencial teórico. Os resultados obtidos mostraram através das respostas fornecidas por estas cinco (05) empresas que é verídico e presente tais problemas enfrentados pelas empresas do

setor têxtil no Brasil em relação a participação no comércio exterior e a internacionalização, sendo algo cotidiano na realidade destas.

Entre os resultados mais relevantes obtidos ao longo da pesquisa, pode-se dizer que as respostas obtidas através do questionário produzido em cima do referencial teórico desta pesquisa se enquadram com os temas abordados e pesquisados tais como a concorrência asiática, as barreiras e desafios do setor, problemas específicos que o setor enfrenta tais como as questões logísticas e tributárias e também a questão da mão-de-obra.

Sendo assim existe a finalidade de se contribuir para uma maior divulgação da situação da indústria têxtil brasileira e de sua internacionalização para uma maior compreensão e conhecimento de sua situação atual e para o auxílio e complementação de novos estudos e pesquisas a respeito deste tema por estudantes, empresas, pesquisadores e profissionais tanto da área têxtil quanto de áreas relacionadas, já que não se trata de um assunto amplamente difundido fora da esfera que engloba o setor têxtil e seus colaboradores.

Foi possível entender como funciona a cadeia produtiva têxtil desde a matéria prima até o consumidor final, além do seu histórico, sua abertura para a internacionalização e a questão da mão-de-obra que produz estes produtos, tanto no Brasil quanto no exterior e que impacto da questão da concorrência, mão de obra e tecnologia tem sobre o custo final dos têxteis, além de outros setores que possuem relação com o têxtil como o algodoeiro e o da moda. Bem como foi possível descobrir a situação na qual o setor do Brasil se encontra no exterior e entrar em contato com pessoas ligadas a esta área. Com esta pesquisa ficou mais claro compreender o quão importante é este setor, tanto para a economia quanto para a população.

Existe a possibilidade de haver uma continuidade a esta pesquisa, principalmente daqui alguns anos, para assim ser possível se comparar dados, resultados e as mudanças ocorridas a partir da situação atual, e compreender tudo o que foi estudado até agora sobre diferentes ângulos e perspectivas, entre diferentes localidades dentro e fora do país, e se efetuar dados estimativos para os próximos anos além de possíveis especulações a respeito do futuro da indústria têxtil no Brasil e no mundo.

Para assim poder formar nas empresas e, entre os colaboradores do setor, grupos dedicados em promover a indústria têxtil brasileira no exterior, e torná-la mais



valorizada internamente para que esta receba mais incentivos e investimentos, diminuindo a atual e presente burocracia e efetuando negociações e acordos com outros setores da economia. Que a união destes possa trazer benefícios para a economia nacional e com países parceiros, sendo que questões como estas envolvendo setores da economia e comércio internacional possam ser resolvidas de uma maneira mais diplomática entre as nações.

Outra sugestão seria fazer um estudo comparativo entre a indústria têxtil do Brasil e a de países onde existam similaridades dentro de seus respectivos mercados e economias, para assim estudar sobre a possibilidade de alianças ou parcerias comerciais com indústrias têxteis de outros países, com o objetivo de incentivar o setor do Brasil a utilizar melhor o seu potencial de produção para suprir outros mercados pouco explorados, ou onde possa haver benefício para os setores de ambos lados através de acordos comerciais.

Como limitações para esta pesquisa houve a dificuldade de se encontrar uma bibliografia que tratava deste assunto em específico, já que a relação setor têxtil brasileiro com o comércio exterior não é um tema abundantemente abordado, por isso foram necessárias diversas pesquisas e leituras para se chegar ao material com o conteúdo mais adequado para se compreender e chegar ao objetivo deste trabalho.

O contato com as empresas auxiliou num melhor entendimento, e facilitou o andamento da pesquisa, porém de todas as cinquenta (50) empresas contatadas e que receberam o questionário apenas cinco (05) retornaram, sendo possível dar continuidade a pesquisa por questionário, porém o objetivo era o contato com cerca de oito (08) empresas para poder ter uma visão mais ampla e heterogênea destes problemas e uma melhor argumentação para os objetivos geral e específico.

## REFERÊNCIAS

- ABIT. **Perspectivas do Setor têxtil e de confecção**: Desafios e Oportunidades. São Paulo, 2017.
- ABIT. **Industria Têxtil e de Confecção brasileira**: Cenários, Desafios, Perspectivas, Demandas. Brasília, 2013.
- AKHTER, Shamina. ***Endless misery of nimblegingers: The Rana Plaza disaster.*** *Asian journal of women's Studies*. n 201. p. 137-147. 2014.
- ARAGÃO, Elizabeth Fiúza et al. **O fiar e o tecer**: 120 anos da indústria têxtil no Ceará. Fortaleza: SINDITÊXTIL/FIEC, 2002.
- BEZERRA, Francisco Diniz. **Análise Retrospectiva e Prospectiva do Setor Textil no Brasil e no Nordeste**. Banco do Nordeste. Informe Macroeconomia, indústria e serviços. ano VIII. n. 2. Fortaleza. 2014.
- BIRCHAL, Sérgio. **Globalização e desnacionalização das empresas brasileiras: 1990 a 1999**. Empresas, empresários e globalização. Rio de Janeiro: Relume Dumará (FAPERJ), 2002.
- CAMPOS, Sílvia Horst; SCHERER, André Luis Forti. **A competitividade da cadeia produtiva têxtil-vestuário no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Secretaria de Coordenação e Planejamento, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, Núcleo de Estudos Industriais, 1996.
- CIPS – *Centre for International Politics Studies*. **The ethics of buying clothes produced in sweatshops**. Disponível em: <[cips-cepi.ca/2018/02/26/the-ethics-of-buying-clothes-produced-in-sweatshops/](http://cips-cepi.ca/2018/02/26/the-ethics-of-buying-clothes-produced-in-sweatshops/)>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- REDE RECORD. 21 de fevereiro de 2018. Produção do Programa Domingo Espetacular, 2018. 27 min. e 15 seg. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=rJqxhyQJUMg](https://www.youtube.com/watch?v=rJqxhyQJUMg)>. Acesso em: 19 maio 2019.
- CAULYT, Fernando. **A lógica perversa de exploração na indústria têxtil**. DEUTSCHE WELLE BRASIL. Disponível em: <[dw.com/pt-br/a-logica-perversa-da-exploracao-na-industria-textil/a-4863973](http://dw.com/pt-br/a-logica-perversa-da-exploracao-na-industria-textil/a-4863973)>. Acesso em: 20 jun. 2019.

COSTA, Ana Cristina Rodrigues da; ROCHA, Érico Pinto da. **Panorama da cadeia produtiva têxtil e de confecções e a questão da inovação**. Rio de Janeiro: BNDES, 2009.

COUTINHO, Beatriz Isola. **Imigração laboral e o setor têxtil-vestuário de São Paulo**: notas sobre a presença boliviana nas confecções de costura. REDD- Revista Espaço de Diálogo e Desconexão. v 4. n 1. 2011.

CRUZ-MOREIRA, Juan Ricardo. **Industrial Upgrade nas cadeias produtivas globais: reflexões a partir das indústrias têxteis e do vestuário de Honduras e do Brasil**. São Paulo: Escola Politécnica da Universidade de São Paulo - Departamento de Engenharia de Produção, 2003.

D'AMBROGIO, Enrico. **Worker's conditions in the textile and clothing sector**. European Parliament, 2014.

DIAS, Marcos de Carvalho. **Inovação, aprendizagem e cooperação na cadeia de suprimentos têxtil da região de Americana/SP**. Gestão & Regionalidade. v 4. n 100. 2018.

DEPEC - Bradesco. **Têxtil e Confecções**. Disponível em: <economiaemdia.com.br/Economia Em Dia/pdf/infset-textil-e-confeccoes.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2019

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2011.

EMERY, Márcio de Moraes et. al. **O impacto da abertura ao comércio exterior da década de 90 no setor têxtil brasileiro**. São Paulo: PUC, 2007.

FELLOUS, Sérgio Mendel. **Gestão da cadeia de suprimentos no Brasil e a utilização de instrumentos da contabilidade gerencial**: uma avaliação sob a perspectiva dos profissionais envolvidos. 2009. Tese de Doutorado. USP, Faculdade de economia, administração e contabilidade, 2019.

FUJITA, Renata Mayumi Lopes; JORENTE, Maria José. **A Indústria Têxtil no Brasil**: uma perspectiva histórica e cultural. Moda palavra e periódico. n 5. p 153-174. 2015.

GEREFFI, Gary. **International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain**. *Journal of International Economics*. v 48. n 2. p. 37-70. 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas. v 35. n 2. p. 57-63. 1995.

HRW - Human Rights Watch. **Notícia**. *Bangladesh: protect garment worker's rights*. Disponível em: <hrw.org/News/2014/02/06/Bangladesh-protect-garment-workers-rights>. Acesso em: 21 jun. 2019.

INDEPENDENT, UK. **Notícia.** *The enviromental costs of fast fashion.* Disponível em: <[independente.co.uk/life-style/fashion/environment-costs-fast-fashion-pollution-waste-sustainability-a8139386.html](http://independente.co.uk/life-style/fashion/environment-costs-fast-fashion-pollution-waste-sustainability-a8139386.html)>. Acesso em: 2019.

SINTEX. **Industria Têxtil de Santa Catarina, Perspectivas e Desafios para o Crescimento.** Santa Catarina, 2015.

JIMÉNEZ PANEQUE, Rosa. *Metodología de la investigación: Elementos básicos para la investigación clínica.* La Habana: Editorial Ciencias Médicas, 1998.

KELLER, Paulo Fernandes. **Competição global & cooperação local:** uma análise das relações interfirmas no cluster têxtil de Americanas. Enfoques. v 3. n 1. 2004.

KON, Anita; COAN, Durval Calegari. **Transformação da indústria têxtil brasileira:** a transição para a modernização. Revista de economia Mackenzie. v 3. n 3. 2009.

LASCHUK, Tatiana; RÜTSCHILLING, Evelice Anicet. **A evolução da industria têxtil no Rio Grande do Sul sob o ponto de vista técnico, tecnológico e mercadológico.** 2014.

LUCLKTENBERG, Isabela Albertina Barreiros. **A industria têxtil catarinense e o cado da Cia Hering.** 2004.

MAGALHÃES, Renato Justino Silva de. **Análise macroeconômica dos efeitos do comércio entre a economia brasileira e a chinesa.** 2018.

MAHFUZ, Maruf. *Rana Plaza Collapse at Savar: No approach to find out root causes.* 2013. Disponível em: <[textilelearner.blogspot.com/2013/07/rana-plaza-collapse-at-savar-approach.html](http://textilelearner.blogspot.com/2013/07/rana-plaza-collapse-at-savar-approach.html)>. Acesso em: 03 jun. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica.** v 5. 2003.

MELO, Miguel OBC et. al. **Inovações tecnológicas na cadeia produtiva têxtil:** análise e estudo de caso em indústria no nordeste do Brasil. Revista Produção Online. v 7. n 2. 2007.

MEHLER, Jéssica Roso. **Desafios da indústria têxtil e as demandas de sustentabilidade.** Diálogos Interdisciplinares. v 2. n 3. p. 420-443. 2016.

OEMUPDATE. **Notícia.** *Controlling pollution in textile industry.* 2016. Disponível em: <[oemupdate.com/industry-update/controlling-pollution-in-textile-industry/](http://oemupdate.com/industry-update/controlling-pollution-in-textile-industry/)>. Acesso em: 09 jun. 2019.

PANCHER, Andréia Medinilha; DE FREITAS, Maria Isabel Castreghini. **Sensoriamento Remoto no desenvolvimento de metodologia para a identificação de Brownfields Têxteis.** Encontro de geógrafos da américa latina. n 10. 2005.

PRAMANIK, Md Azizur Rahman; HOSSAIN, Muhammad Rabiul; AZAD, Md Abul Kalam. Management of mass casualty in Rana Plaza tragedy, the worst industrial disaster in Bangladesh. **Journal of Armed Forces Medical College, Bangladesh**, v. 9, n. 2, p. 10-18, 2013.

PROCHNIK, Victor et al. A cadeia têxtil-confeções perante os desafios da ALCA e do acordo comercial com a União Européia. **Economia**, v. 4, n. 1, p. 53-83, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RUDENKO, Olena. **The 2018 Apparel industry overproduction Report and Infographic**. SHARE CLOTH. 2018. Disponível em: <sharecloth.com/blog/reports/apparel-overproduction>. Acesso em: 16 set. 2019.

SAKAMOTO, Maiko et al. **Water Pollution and the Textile Industry in Bangladesh: Flawed Corporate Practices or Restrictive Opportunities?. Sustainability**. v 11. n 7. p. 1951. 2019.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; PIMENTA, Solange Maria; CORRÊA, Maria Laetitia. **Globalização e reestruturação produtiva: desafios à indústria têxtil brasileira**. Revista de Administração-RAUSP. v 40. n 1. p. 68-82. 2005.

SCANDIUZZI, Fernando. **Integração da cadeia de suprimentos no Brasil: um estudo em empresas de grande porte**. 2011. Tese de Doutorado. USP, Faculdade de economia, administração e contabilidade, 2011.

SOARES, Leandro. **Logística e gestão da cadeia de suprimentos: conceitos e diferenças**. Cadernos UNISUAM de Pesquisa e Extensão. v 5. n 4. p. 46-53. 2016.

TONIOLLO, Michele; ZANCAN, Natália Piva; WÜST, Caroline. **Indústria Têxtil: Sustentabilidade, impactos e minimização**. In: VI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental. Porto Alegre. 2015.

THE TRUE COST. 23 de abril de 2015. Direção de Andrew Morgan. Produção de Michael Ross, 2015. P&B. 2 min. e 34 seg. Disponível em: <http://truecostmovie.com/>. Acesso em: 16 maio 2019.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

VIANA, Fernando Luiz Emerenciano; ROCHA, Roberto Ednísio Vasconcelos; DE MELO NUNES, Fernando Ribeiro. **A indústria têxtil na região nordeste: gargalos, potencialidades e desafios**. Revista Produção Online. v 8. n 3. 2008.

VOGT, Cláudio César. **As origens da indústria gaúcha e o setor têxtil no período do processo de substituição de importações**. 2003.

## **APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA**

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Curso de Comércio Internacional – Bento Gonçalves

Meu nome é Fernanda De Rossi, sou estudante de Comércio Internacional, da Universidade de Caxias do Sul. Estou fazendo a coleta de dados para o meu Trabalho de Conclusão. Esta pesquisa tem o objetivo de identificar os principais problemas que prejudicam o comércio internacional do setor têxtil brasileiro. As informações coletadas são restritas à finalidade acadêmica de conclusão do TCC.

- 1) Pensando na atuação internacional, que tipos de desafios você acredita que o setor têxtil enfrenta atualmente?**
  
- 2) Na sua visão, quais as maiores dificuldades e barreiras enfrentadas por empresas brasileiras do setor têxtil para realizarem exportações?**
  
- 3) E no que se refere às importações, quais você acredita seriam as principais dificuldades e barreiras?**
  
- 4) Como você enxerga a competição e a concorrência neste setor?**
  
- 5) Considerando apenas a produção de têxtil no Brasil, que problemas específicos do setor ainda existem? Há problemas em termos de mão de obra? Que outros aspectos destacariam?**

**6) O que o Brasil poderia fazer para aumentar a sua presença no mercado e no comércio internacional?**

**7) Sua empresa atua na exportação e/ou na importação? Se sim, quais os principais desafios e oportunidades percebidas nessa atuação?**

**8) De que forma as importações afetam a sua empresa?**

Caracterização do respondente:

Nome:

Idade:

Gênero:  Masculino  Feminino

Formação:

Cargo:

Tempo de atuação na empresa:

**AUTORIZAÇÃO DE MENÇÃO DA FONTE/EMPRESA.**

Nome do entrevistado no texto do TCC:

Você permite que seu nome seja informado no texto do TCC.

Você requer que seu nome seja omitido no texto do TCC, devendo ser usado um nome fictício.

Nome da empresa no texto do TCC:

Você permite que o nome de sua empresa seja informado no texto do TCC.

Você requer que o nome de sua empresa seja omitido no texto do TCC, devendo ser usado um nome fictício.